

HOMERO PIRES

RUI BARBOSA E OS LIVROS

5ª Edição

CASA DE RUI BARBOSA

1949

Conferência na Casa de Rui Barbosa, a 5 de Novembro de 1938.

Rui Barbosa foi a vida inteira o homem do livro. Viveu do livro, com o livro e para o livro. Foi mais propriamente através do livro que se lhe revelaram a sociedade e o mundo. A experiência das coisas cotidianas ele a adquiriu por assim dizer quase que em contato com o livro. Homem algum tanto também interior, vivendo na sua cidade ideal, era não raro surpreendido, ele, político profissional, com as soluções graves e imprevistas, que já lhe traziam perfeitas e acabadas os seus correligionários. Foi assim por exemplo em 1909, quando, sendo uma das figuras mais qualificadas da situação, vice-presidente do Senado, apenas lhe comunicaram a escolha definitiva do marechal Hermes da Fonseca para candidato à presidência da República. Ele próprio nos revelou amargamente esse fato com todas as minúcias, dizendo-nos que só então reconhecera ser a posição que lhe haviam conferido de pura complacência, e que, na política geral do país, a sua significação era absolutamente nenhuma.

E isso porque os livros o seqüestravam dos círculos sociais, estabeleciam entre ele e os interesses que cá fora tumultuavam e se digladiavam na sua tarefa destruidora e voraz, um cordão às vezes quase impenetrável. Quantos homens públicos dos mais eminentes lhe batiam à porta em horas decisivas, e não podiam ser por ele recebidos! Em novembro de 1889, a sustentar pelo *Diário de Notícias* a campanha com que ajudou a derrubar o Império, andava entretanto tão longe de suspeitar qualquer conspiração republicana, que só às vésperas do 15 de novembro lhe foi ela descoberta pelos conjurados. Em 1893, em luta com a ditadura de Floriano Peixoto através das colunas do *Jornal do Brasil*, foi tranqüilamente tomado de improviso pela revolta de 6 de setembro, de sorte que à pressa e a más horas foi que se ocultou em lugar seguro, e depois partiu do Rio de Janeiro para Buenos Aires, a queixar-se com razão daqueles que o deixaram exposto à vingança do marechal de ferro.

É que, jornalista do *Diário de Notícias*, do *Jornal do Brasil*, da *Imprensa*, Rui Barbosa escrevia os seus artigos em casa, no seu gabinete de trabalho, entre os seus livros, dicionários, enciclopédias, obras de todo o gênero, um arsenal formidável, donde partiam

as granadas, as bombas, os obuses, as lanternetas, que iam levar ao campo inimigo o espanto, a confusão, o desbarato e a ruína.

A TEMPESTADE E A PROCELÁRIA

Falar pois dos livros de Rui Barbosa, não dos que escreveu, mas dos que ajuntou no decurso de cinquenta e dois anos, o mesmo é que falar dele próprio, da sua índole, do seu gênio, da sua formação mental. Penetrar-lhe na biblioteca equivale a penetrar-lhe no caráter e na inteligência, a investigar-lhe os elementos da cultura, a descobrir-lhe os recursos da erudição, a reconhecer-lhe as energias que lhe alimentaram e retemperaram o ânimo, a explorar-lhe as tendências e preocupações não reveladas da sua vasta curiosidade espiritual.

Jurisconsulto, advogado, homem de estado, orador, jornalista, moralista, cultor infatigável da língua, homem de letras enfim, na sua enorme biblioteca de trinta e cinco mil volumes estavam os vastos mananciais que lhe entretinham todas essas atividades e preocupações intelectuais. Os seus autores preferidos, as espécies e variedades dos seus livros nos ajudam a explicá-lo tanto como as suas próprias obras, as suas opiniões e a sua ação militante na vida pública. Os livros fizeram-no, como também fizeram a Santo Inácio de Loiola e a D. Quixote, figura esta com a qual, para o diminuir, certa vez o compararam, e ele sagazmente aceitou o paralelo. Fizeram-no, como o navio e o mar fazem o marinheiro e a tempestade a procelária. A sua formação processou-se sobretudo pelos livros, servindo-lhe estes como de faróis, que lhe descobriam e iluminavam os caminhos que tinha por diante. À proporção das leituras, à proporção de cada contato com uma revelação bibliográfica notável, iam-lhe ficando no temperamento marcas e sulcos profundos, abriam-se-lhe ao entendimento orientações diversas e novas. Assim as influências se disputavam entre si a posse do seu espírito. Por que não haveria de vacilar e mudar? Tudo varia e se transforma de contínuo na face do mundo, que é um perpétuo *devenir*. A um critério sucedia outro, e a si mesmo se interrogava, repetindo a eterna pergunta da eterna dúvida, e que é caminho de sabedoria: "Onde está a ciência"? Só os que não meditam e não estudam, só os que se petrificaram em vida, só esses permanecem imutáveis, iguais sempre em toda a carreira da vida, como a visão do deserto, ermo, desolado, soturno e vazio. *Il n'y a que les sots qui ne se contredisent.*

OS LIBELISTAS E OS LIVROS DE RUI

A biblioteca de Rui Barbosa foi muitas vezes, enquanto ainda ele vivo, objeto da curiosidade geral dos brasileiros. Faziam-se cálculos sobre o número dos seus volumes, que subiam ou desciam conforme a fantasia de cada qual. Assim, mais de um jornalista procurou o velho solar de S. Clemente, com o propósito especial de percorrê-la, e falar dela ao público através das colunas do seu diário. Há, pois, algumas entrevistas publicadas na imprensa, e que têm por assunto a famosa livraria.

Doloroso destino das coisas nobres em terras de aluvião! Até da biblioteca de Rui Barbosa os seus tristes e ferozes inimigos se valeram, para apontá-la como uma das amostras mais evidentes das inexplicáveis e fartas finanças do Ministro da Fazenda do Governo Provisório, que, justamente ao abandoná-lo, não tinha recursos suficientes para atender ao pagamento integral das modestas estantes, com que mandara guarnecer o salão principal da sua casa, e só a crédito e longo prazo o podia fazer. O próprio José do Patrocínio, depois de, em outras ocasiões, haver tributado a Rui Barbosa as mais justas e soberbas homenagens ao seu talento e ao seu caráter, numa feita, em violento artigo, que era o quarto de uma série, contra o advogado espontâneo e generoso do *habeas corpus* de abril de 1892, afirmava que, assim como há certa casta de mulheres que se vestem e enfeitam custosamente, de maneira que se possam vender mais caras, do mesmo jeito Rui Barbosa se provia abundantemente de livros, e fartamente os citava, só com o fito de se pagar com mais dinheiro. Foram estas, textualmente as incríveis e cruéis palavras de José do Patrocínio: "Pode-se dizer sem medo de caluniar que o sr. Rui Barbosa vive para o dinheiro. A sua inteligência não passa de uma cortesã, que se arrebuca e engalana para atrair freguesia. S. Exa. dá renda às livrarias, como as sacerdotisas do pecado às modistas e aos joalheiros. Aquelas querem ser vistosas e chibantes para aguçar a luxúria; S. Exa. quer ser correto no estilo e pródigo nas citações para mercadejar causas e posições".

Os pobres que têm espírito, quando entesoiram, acumulam as mais das vezes livros, que, entretanto, aos olhares do indolente ou do corrompido, são o testemunho de uma abastança, a qual, porém, não é senão o fruto de uma paixão invencível em existências sem vícios.

OS COMEÇOS DA BIBLIOTECA DE RUI

De quando se pode datar o princípio de uma biblioteca que se não herdou? Uma livraria, uma boa e vasta livraria, é uma verdadeira construção, mas laboriosa e lenta, e a que quase se não pode fixar data de início. As suas origens são como as fontes dos grandes rios: veios d'água insignificantes e pequenos quando nascem, e que só ao longe começam a crescer, a alargar, e entram então a se espalhar, promovem as inundações, alagam tudo, dominam das lhanuras às maiores eminências, numa cheia assoberbante e avassaladora. Assim os livros, como os daquele simpático Boulard, antigo notário de Paris, conhecedor de várias línguas, o que lhe era útil e grato ao espírito, sequioso de leituras de todo o gênero. A residência do bom velho cedia continuamente espaço à chegada desses hóspedes permanentes, e uma família tomava lugar a outra, os aposentos, do andar térreo às águas-furtadas, eram esvaziados dos móveis de uso doméstico, para que os muros das salas e dos quartos se cobrissem de estantes, que recebiam livros de todas as espécies e de todos os formatos. E mais cinco ou oito casas abrigavam mais livros, cerca de 600.000, que foram os que por sua morte ele deixou.

Quando, no terceiro ano acadêmico, se transferiu Rui Barbosa para a Faculdade de Direito de S. Paulo, abandonando a do Recife, já consigo levava mais caixões de livros que o comum dos seus colegas, que deles se impressionavam. Um dos companheiros de Rui Barbosa em S. Paulo, por exemplo, anos depois, deparava assim a respeito: "Vim a ter notícia do nome de Rui Barbosa em Santos, no dia 7 de março de 1868, ao desembarcarmos do vapor *Paulista* para os botes, no meio de uma grande algazarra de estudantes. Nós viajávamos comumente, naqueles modestos tempos, com duas canastras de couro cru para roupas, e um caixote de livros. Sendo os livros mais pesados do que as pobres roupas, diziam, quase invariavelmente, os catraieiros: "Ah! o moço vai meter isto tudo na cabeça, este ano"!... Chamou-me a atenção o bote, que singrava na frente do meu, pelo número mais avultado de caixotes, com o letreiro muito legível do nome — "Rui Barbosa". Perguntei, então, a Sancho de Barros Pimentel de quem seriam tantos caixotes, e este respondeu-me: — "Vai ser nosso colega de ano: é Fulano, vem de Pernambuco, é um grande estudante"!

Já não é isso, já não são esses caixotes de número avultado a biblioteca de um estudante, os fundamentos do grande edifício futuro, a cuja construção se assiste com o melhor desvelo e não raro até com grandes sacrifícios?

Entretanto, Rui Barbosa datou o começo da sua livraria de três anos depois, isto é, de 1871, o seu primeiro ano de volta à Bahia, logo depois de formado. A 13 de outubro de 1896, ao pronunciar no Senado um dos mais perfeitos dos seus discursos parlamentares, revidando à agressão de César Zama na Câmara dos Deputados, dizia ele: "Até a minha biblioteca, lenta estratificação de vinte e cinco anos de amor das letras, entrou a ser contada, avaliada e apontada como expressão da minha opulência". Vinte e cinco anos contados até 1896 vão apanhar justamente aquele ano fatídico de 1871, em que se apagava na Bahia o gênio poético de Castro Alves.

Apesar de filho de um homem de talento e cultura fora do comum, Rui Barbosa fez sozinho a sua biblioteca. Seu pai, João José Barbosa de Oliveira, viveu sempre em aperturas de dinheiro, de sorte que, ao morrer em 1875, o que se apurou do seu inventário foram duas estantes de ferro com duzentos e dez volumes de livros diversos. Eram restos de um naufrágio, salvados de quem andou sempre na vida sobre o dorso de ondas revoltas e encapeladas. Através das tempestades, quando era preciso aliviar a carga para ter mais segurança de chegar ao porto, quantos volumes não foram atirados à voragem! E afinal lançou ferro no último ancoradouro com uns restos miseráveis, a denunciarem a rispidez da travessia e a aspereza dos abrolhos que se lhe depararam no caminho. Porque João Barbosa, quando raramente lhe corriam ventos galernos em mar de bonança, caía no fadário dos livros. Numa carta, ainda inédita, de Rui Barbosa a Joaquim Nabuco, conta aquele que, quando foi da guerra de secessão nos Estados Unidos, o seu pai se provia abundantemente de obras americanas sobre o tremendo conflito.

SIGNIFICAÇÃO DE UMA BIBLIOTECA

Uma biblioteca é obra para a vida inteira, e, em regra, enquanto esta corre, anda aquela sempre a se completar. Quando a começamos, não lhe sabemos nem lhe podemos determinar o fim. E que de canseiras e cuidados na sua formação! Faz-se precisa uma fiscalização constante, diária, ininterrupta, em catálogos e livrarias. E os leilões que se anunciam em toda a parte, e dos quais não se sabe o que se alcançará! Ninguém prevê até

aonde irá, ao dar início a uma dessas caras coleções. Reunidos os primeiros volumes, outros vão sucessivamente chegando. E surge então aquilo com que absolutamente se não contava: o gosto, o amor do próprio livro em si. Já se não contenta com o comum, o vulgar. Quer-se alguma coisa mais: a boa edição, o papel de melhor qualidade, o formato preferido, a impressão nítida e em belo tipo, a encadernação artística, o exemplar numerado.

Por tudo isso uma livraria não se apreça tão-só pelo valor de cada livro isoladamente. Os livros numa biblioteca sobem de preço e valem também pelo seu conjunto, representam uma obra feita com amor, com inteligência, com estudo, com o tempo largo que se gastou para se adquirir hoje um exemplar, e depois outro, e outros mais pelos anos fora, sem se desviar a atenção do mercado, sempre atento e vigilante, em luta com os demais concorrentes, para se constituir esse corpo monumental, esse todo proporcionado na sua infinita variedade, verdadeiro organismo vivo, feito de células que se integram, de tecidos que se comunicam, se ajustam e se completam numa função harmônica e perfeita.

Uma biblioteca assim tem valor inestimável. E sobretudo quando aquele que a formou e possui é um homem das qualidades de Rui Barbosa, com o seu talento, o seu domínio de várias línguas, a sua facilidade de assimilar e produzir, os seus longos hábitos de estudo nos livros, que lhe revelaram os caminhos do saber. Então quem com ela trabalha, quem lida com esse instrumento de maravilhas e cabedais sem conta, lhe arranca riquezas inesperadas, lhe desentranha do seio pepitas e gemas, grãos de ouro e pedras de raro preço, dilata e agiganta os primeiros conhecimentos, multiplica assombrosamente as noções individuais com que entrou a explorar o terreno. O trabalho então é como em região aurífera, mas que só o investigador ciente da sua arte sabe descobrir e aprofundar. *Qui scit ubi scientia, habenti est proximus.*

"ALMA DA CASA"

Por que, pois, não estremecer os proporcionadores de fortuna tamanha, de tanta ventura e tanto júbilo?

À custa de lidar a existência inteira com os livros, vê-los desabrocharem em frutos miraculosos de bênçãos, feitos criadores de felicidade e saber, acabamos por querer-lhes como a outras partes de nós mesmos, como continuadores das nossas próprias

personalidades. E Rui Barbosa amou os livros, amou-os como se deve amar às coisas dignas de amor. Nisto era ainda igual a Cícero, que os estimava entranhadamente, e tinha a sua biblioteca como a "alma da casa". A totalidade das suas economias, reservava-as o orador romano para a compra de livros, destinados à consolação da sua velhice, brutal e criminosamente cortada pela crueza de monstros de insensibilidade e ingratidão. E Petrarca, um dos mais gloriosos e úteis amigos dos livros, a que fez o mais comovido e real dos elogios! E Boccaccio! E Budeu! E Ricardo de Bury! E Carlos Nodier! E Júlio Janin! E tantos e tantos, que seria longo enumerá-los!

LIVROS E RATOS

Chateaubriand foi neste sentido uma exceção curiosa, pois detestava os livros. A antipática mme. de Chateaubriand, ao comunicar a um amigo que havia mudado de residência, dizia-lhe: "O sr. de Chateaubriand está muito contente. Porque não acha lugar aonde pôr um livro. Conheceis o seu horror a esses ninhos de ratos, a que se chamam bibliotecas". Para se compreender que uma biblioteca possa chegar a isso, a esse extremo desmazelo e a essa insólita sujeira, é preciso que os almocreves se hajam transformado em colecionadores, ajuntando livros entre o palhiço e a imundície das sevandijas.

Há tal erudito espanhol, a quem as ratazanas não poupavam manuscritos e impressos:

"Que desgracia la mia! —
El literato exclama — ya estoy harto
De escribir para gente roedora".

E só lhes deu cabo, pondo na tinta "solimán molido". Dessa tinta corrosiva de certos críticos não era o artista supremo das *Memórias de Além-Túmulo*, e talvez daí a familiaridade entre os ratos e os livros que alguma vez acertou de recolher.

O DINHEIRO E OS LIVROS

Já houve até quem dissesse, talvez não sem motivo, que os livros afugentam as libras, ou que trazem jetatura. Dos seus mais devotos amigos foi esse raro Aníbal Fernandes Tomás, homem metido a vida inteira com os livros velhos e os velhos papéis. Com eles dispersou a fortuna. Empobreceu. A mulher abandonou-lhe a casa. Ele, porém, não abandonou os livros. Ficou sem dinheiro. Ficou sem mulher. Mas ficou na posse e no

gozo de uma das maiores e mais ricas bibliotecas portuguesas. Um amigo, o poeta Delfim Guimarães, convidou-o certa vez a passar o domingo em sua companhia. Não pôde ir. Recusou o convite, explicando em carta: "As minhas botas, únicas que tenho, não estão em estado de se exibirem à luz do dia, podendo apenas aparecer em público protegidas pelas trevas da noite".

CIDADE DOS LIVROS

Foi sobretudo depois de 1893, quando Rui Barbosa adquiriu a propriedade de S. Clemente, que a sua livraria começou a avultar, até se lhe constituir a casa verdadeira cidade dos livros. Isto é, somente após se tornar proprietário, e de um verdadeiro solar, capaz de abrigar tantos volumes. Sem casa própria e conveniente não é possível livraria digna deste nome.

Percorrendo-se alguns livros de apontamentos diários de Rui Barbosa, por exemplo, os de 1876, 1886 e 1889, se verá que muito pouco adquiriu nesses anos. As grandes compras, das quais deixou cópias de listas no seu arquivo, vieram desde que começou a conquistar entre os nossos juristas o renome da mais vasta e merecida celebridade. "Vinte e cinco anos de advocacia", confessou ele no Senado, em outubro de 1896, "dos quais cerca de dezoito na capital do país, com esse poder de ação, a que, há pouco, ouvi chamar, em referência a mim, "a nevrose do trabalho", com vitórias memoráveis em causas famosas, criaram-me uma reputação profissional, que os estados de sítio, o desterro e as calúnias não lograram diminuir; antes avultou enormemente através de todas essas hostilidades; e hoje, merecida ou imerecidamente, não há, no foro, questão de certa gravidade em que se não solicite com empenho o meu humilde parecer. Por estas escrituras, devidamente legalizadas, verificará esta Câmara que, de março do corrente ano para cá, fiz direito, em honorários, ajustados com vários comerciantes desta praça, a 680:000\$000. Desde que os meus trabalhos me deram nome, a sua renda sempre me sobrou para as exigências da minha vida".

E dentre estas uma das maiores era a compra de livros, a qual andou em progressão contínua. Já não havia mais colocação conveniente para eles nas estantes, com duas e três ordens de volumes, e ainda com muitos outros deitados em pilha sobre a cabeça dos que ficavam em pé, na posição que lhes é ordinária. A sua própria sala de música já ia ceder

espaço à invasão implacável. Quando em Petrópolis, e, portanto, não podia freqüentar as nossas livrarias, estas lhe remetiam semanalmente para a cidade serrana pacotes das últimas novidades, a fim de que procedesse à sua escolha. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, declarou o sr. Luís Lader, um dos sócios da livraria Briguiet, principal fornecedora de Rui Barbosa, e da qual esteve a pique de ser sócio: "O conselheiro era o nosso maior freguês. Avaliamos as compras por S. Exa., anualmente, de trinta a quarenta contos, e às vezes mais. Nunca lhe ouvimos dizer: "Este livro é caro". Acresce que o egrégio jurista era de uma pontualidade extrema nos pagamentos".

E ainda havia os presentes dos amigos e admiradores, alguns dos quais às vezes o brindavam com verdadeiras preciosidades, edições raras ou de arte.

Neste número se contam, entre outros, o Dante de Landino, a que mais tarde aludiremos, e que lhe veio da biblioteca de Salvador de Mendonça, após a morte deste escritor; o *Rerum per octennivm in Brasilia*, de Barléu, dádiva gentil de uma neta de um dos mais famosos clínicos do seu tempo na Bahia, o dr. Silva Lima; *La Vie de Notre Seigneur Jésus Christ*, de Tissot, oferta dos oficiais de terra e mar ao seu eloqüente e generoso patrono, e adquirida em 1899 por mais de três contos de réis; a primeira edição da *Crônica de D. João I*, de 1644, por Fernão Lopes, repetida em dois exemplares perfeitos, um oferecido em 1904 por Alfredo Pujol, e outro em 1920 por Laudelino Freire; a *Imagem da Vida Cristã*, de Heitor Pinto, a primeira parte na quinta edição de 1591, mas a segunda na primeira de 1572, carinhosa lembrança de Alberto de Oliveira; as *Ordenações do Reino*, em três grandes volumes da sexta e luxuosa editoração, mandada imprimir por d. João V no Mosteiro de S. Vicente, brinde de Políblio Afonso Alves, talvez um agradecido cliente; o *Orlando Furioso*, de Ariosto, ilustrado por Gustavo Doré, recordação da amizade de Rubem Tavares; as *Leyendas* de d. José Zorilla, outro testemunho da estima e do afeto de Alfredo Pujol.

A FERRAMENTA DO OPERÁRIO

Às vezes, ao chegar da rua e ao subir a escada interior, com o empregado que o acompanhava a carregar os volumes que adquirira no dia, divisava no alto a figura senhoril e carinhosa da esposa a quem docemente falava:

— "Perdoa. Já é uma verdadeira mania".

E ela, sempre previdente e magnânima:

"Não há que perdoar. É a tua ferramenta".

Sim. Era de fato isso: a ferramenta do operário que ele foi a vida inteira, operário com as suas dez horas de trabalho, a meneá-lo sem idéia de repouso futuro, como quem o tinha de arrostar inflexivelmente, no mais áspero campo de batalha. E a ferramenta gastava-se, embota-se, torna-se também anacrônica, não mais corresponde às necessidades do ofício, e é preciso renová-la, tê-la para todas as exigências da arte, sem se recorrer a estranhos nem procurá-la na hora da empreitada. Assim, Rui Barbosa esteve sempre em dia com os instrumentos do seu mister, seus caros e adorados livros.

UM PROGRAMA E UMA BIBLIOTECA

Nem precisou orientar-se por nenhum curso especializado para organizar a sua biblioteca. Procedeu à maneira de um especialista, que de fato era, como se diante dos olhos tivesse um desses manuais bibliográficos de Henriot, de Franz Calot e Georges Thomaz. É que sabia o que lhe era preciso sem que lho ensinassem.

Buscou constituir a sua livraria de sorte que ela sozinha lhe bastasse, sem necessitar de recorrer a terceiros nem freqüentar bibliotecas do estado.

Traçou para si próprio um sério e vasto programa de carreira pública, e de acordo com ele a pouco e pouco foi reunindo os seus livros. Esse programa era o de um homem que encarava muito gravemente a vida nacional, como se para o Brasil fosse acaso isso preciso. Foi exatamente para ele, e contra ele, que aqui se renovou a despudorada doutrina dos despreparados. Foi justamente como uma exclusiva oposta a ele que entre nós se sustentou que os homens de talento e de cultura não servem para os postos do governo.

UM APARELHAMENTO TÉCNICO

Assim, pois, se a livraria de Rui Barbosa revela uma curiosidade universal, a verdade é que ela é sobretudo o instrumento de um estadista, de um político, de um jurisconsulto, de um advogado.

Teve Rui Barbosa a preocupação de construir um aparelhamento técnico, de tal sorte que imediatamente lhe pudesse ministrar em dado momento todos os informes de que carecesse, ao seu simples apelo, aparecendo ele assim formidavelmente armado para a luta

com a mais perfeita instantaneidade. É bem de ver que um engenho desses só produz tais frutos em mãos de quem os pode menear.

OBRAS GERAIS

Antes de tudo, e como devia ser, aparecem os dicionários universais, que abrangem a órbita inteira dos conhecimentos humanos: são os trinta e um volumes da grande enciclopédia de Lamirault, a enciclopédia britânica, com os seus numerosos e pesados tomos recheados de erudição, os dezessete da enciclopédia anual de Appleton, os dezesseis da de Ripley e Dana, os dez da de Chambers, os vinte de *The Americana*, dirigida por Frederick Converse Beach, além do Larousse e da Jackson, isto é, mais de uma centena de volumes, prontos a derramarem logo de primeira mão uma soma imensa de preciosas informações orientadoras. Disponha-se a adquirir a *Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, editada por J. Espasa. Mas para isso aguardava o término da sua publicação, que não chegou a ver. Como se não bastassem, há ainda as pequenas enciclopédias, os vocabulários de diversas ciências e artes, uma série notável de livros guias, que abrem caminhos e dissecam os assuntos sem dispêndio de palavras inúteis, mas metódica e sistematicamente, e de que é amostra esse útil *Manuel Pratique pour l'Étude de la Révolution Française*, de Pierre Caron, onde o espantoso drama de 1789 se compendia inteiro em duzentos e noventa e quatro páginas, numa bibliografia da revolução, que vos dá todos os instrumentos correntes de trabalho.

As biografias individuais, aliás já compreendidas naquelas coleções, têm ainda vastos repertórios, que exclusivamente as abrangem: a enciclopédia de biografias americanas de Appleton, os quatorze tomos do *Imperial Dictionary of Universal Biography*, que abarca todos os séculos e todas as nações do mundo.

Ainda dentro desse ciclo de informações universais, são as excelentes revistas de cultura geral, como oitenta e sete volumes do *Annual Register, or a View of the History, Politicks, and Litterature*, trinta de *The World Court*, o *Magazine of International Progress*, *The Fortnightly Review*, *The Review of Reviews*, *The National Review*, *The Nineteenth Century*, *The Edinburg Review*, *The Quarterly Review*, a *Revue des Deux Mondes*, *La Revue*, a *Revue des Idées*, *La Science et la Vie*, a *Revue Encyclopédique*, afora outras, menores e numerosas.

HISTÓRIA UNIVERSAL

A história universal, além dos consideráveis quadros gerais de Lavissee e Rambaud, da Universidade de Cambridge, de Oncken, do velho Cantu, de *The Historian's History of The World*, isto é, uma compacta massa de cento e vinte e um volumes, igualmente se representa pelas histórias particularizadas de muitas nações da terra, que existiram ou ainda existem, em tomos largos e abundantes, pelas histórias da antiguidade clássica, do velho Oriente, da Grécia, de Roma, tudo isso às vezes acompanhado de magníficos dicionários e manuais, como, por exemplo, os dez volumes do dicionário das antiguidades gregas e romanas de Daremberg e Saglio, os dezesseis do manual das antiguidades romanas de Mommsen e Marquardt. Nem foram esquecidos esses preciosos e inestimáveis historiadores, alguns sem valor como artistas, mas todos excelentes ou pitorescos no que nos informam ou relatam: Políbio, Diodoro de Sicília, Deonísio de Halicarnasso, Apiano, Dion Cássio, Plutarco, dentre os gregos; e, dentre os romanos, Amiano Marcelino, Jornandes, Frontino, Justino, Quinto Cúrcio e Suetônio.

A revolução francesa, particularmente, é uma das seções mais bem providas. As memórias e correspondências formariam a mais curiosa e encantadora das bibliotecas, e mereceriam um estudo à parte.

Depois vêm as monografias sobre as mais interessantes épocas e individualidades de diversos tempos e lugares, sobre os problemas e as questões históricas mais notáveis.

"BRASILIANA"

Costumam os cultores da história do Brasil perguntar, cheios de curiosidade, pela *brasiliانا* de Rui Barbosa. Podem ficar tranquilos: até isso existe entre os volumes que ele reuniu, no meio dos quais podereis ver magníficos exemplares de alto preço, excelentemente conservados e encadernados: a rara crônica de Baltasar Teles; o Barléu genuíno e valioso, publicado em Amsterdã em 1647; a preciosa *Vida de Anchieta*, por Simão de Vasconcelos, de 1672; as três custosas séries da *Imagem da Virtude*, de Antônio Franco: a da história do colégio do Espírito Santo de Évora, a de Lisboa e a de Coimbra; a primeira e estimada edição do Rocha Pita; as *Constituições do Arcebispado da Bahia*, de 1729, tão difíceis de se acharem à venda nesta impressão; a *Vida de Antônio Vieira*, por André de Barros, de 1746, igualmente apreçada; o famoso *Exame de Bombeiros*, de

Alpoim, e que é um dos motivos das eruditas *Duas Charadas Bibliográficas*, de Félix Pacheco, que exaustivamente discutiu a questão do impressor paulista e do impressor brasileiro Antônio Isidoro da Fonseca, de cuja oficina talvez tenha saído aquele livro, espécie inestimável numa *brasiliana*.

E em editorações mais encontradiças, porém não desestimadas: o *Diário da Navegação* de Pero Lopes, as cartas de Nóbrega, o João de Lery, o Yves d'Evreux, frei Vicente do Salvador, a *Crônica da Companhia* do já citado Simão de Vasconcelos, o *Castróto Lusitano*, o Jaboatão. Dos historiadores mais próximos, Southey em vernáculo, Abreu e Lima com a sua *Sinopsis*, Varnhagen em várias das suas obras, e a *História Geral* profusamente tracejada a pena. Com idênticos sinais de leitura, o excelente compêndio de João Ribeiro, destinado ao curso superior: De Rocha Pombo, os dez volumes difusos. E Armitage, Moniz Tavares, João Lisboa, a *Crônica da Rebelião Praieira* de Figueira de Melo, Antônio Henriques Leal, o *Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro* de Macedo, o dicionário de Millet de Saint-Adolphe. Saint-Hilaire com as mesmas abundantes marcas de leitura nas viagens às províncias do Rio de Janeiro e de Minas, à zona dos diamantes e ao litoral do Brasil, às fontes do S. Francisco e à província de Goiás, às províncias de S. Paulo e de Santa Catarina e ao Rio Grande do Sul, isto é, o Saint-Hilaire das viagens quase completo, com exceção da *Voyage dans l'Intérieur du Brésil*. Fletcher e Kidder num exemplar de valia, pois traz uma dedicatória de Rui, quando ainda estudante no Recife, a seu pai. Seguem-se depois: Pereira da Silva com a *História da Fundação* em sete volumes, a do *Segundo Período do Reinado de d. Pedro I*, a da menoridade e as *Memórias*, das quais Rui organizou à parte um índice minucioso; os *Motins* de Raiol; as *Memórias* de Felício dos Santos; e Schneider, Joaquim Caetano, Melo Moraes, a *Missão Especial ao Rio da Prata* do conselheiro Saraiva, Luís Francisco da Veiga, Gaffarel, Moreira de Azevedo, os *Apontamentos* do barão de Cotegipe sobre os nossos limites com a Argentina, vários escritos do barão Homem de Melo, as *Efemérides* de Xavier da Veiga, os livros de história cearense de Studart. E Eduardo Prado, Alberto Torres, Lúcio de Azevedo, Oliveira Lima, Euclides da Cunha, Calógeras, Tobias Monteiro, Oliveira Viana, Basílio de Magalhães. Ao lado desses, a obra de Lefebvre e seus colaboradores, e sobre a qual Rui escreveu no *Diário de Notícias* um estudo, que Rio Branco imprimiu em avulso, chamando-lhe "notável" e "modelo de crítica"; as conferências anchietanas de 1897, jacobinamente

interrompidas, e das quais uma seria do próprio Rui; o *Livro do Centenário* de 1900 e os trabalhos completos sobre limites, da autoria de Rio Branco e Joaquim Nabuco. A propósito dos deste último disse o mesmo Rui: "Eu os percorri todos, e, neste gênero de literatura, não lhe conheço coisa comparável. O nosso direito ali resplandece à luz do meio-dia". Nabuco rejubilava-se com o juízo do seu antigo camarada do mesmo "bando liberal da Academia", juízo que lhe fora também comunicado em carta do próprio Rui, e a quem ele assim respondia: "O que V. me diz das minhas *Memórias* na questão com a Inglaterra é a minha melhor recompensa. V. pode bem avaliar por aí o valor para mim da sua carta. Terei, mais cedo ou mais tarde, que me condecorar com ela".

Quereis, porém, alguma coisa mais neste capítulo de livros brasileiros? Pois tendes o *Glossarium* de Martius, *O Selvagem* de Couto de Magalhães, *o Muyrakytã e os Ídolos Simbólicos* de Barbosa Rodrigues, de quem igualmente não falta o *Sertum Palmarum Brasiliensium*. Das revistas, apenas os *Anais da Biblioteca Nacional*, a segunda fase da *Revista Brasileira*, de Midosi, e coleções mais incompletas da *Revista Americana*, da *Revista do Brasil*, de S. Paulo, e das revistas dos institutos geográficos e históricos do Rio Grande do Norte, de Pernambuco, da Bahia e de S. Paulo. E, encadernados em volume, números do *Tamoio*, o famoso jornal dos Andradas; da *Malagueta*, de João Batista de Queirós; do *Analista*, da *Luz Brasileira*, do *Grito Nacional*, jornais que se publicaram no Rio de Janeiro entre os primeiros anos da independência e os do segundo reinado; do *Farol Paulistano*, redigido pelo futuro regente Costa Carvalho; do *Observador Paulistano*; do *Recopilador Mineiro*, de Pouso Alto, conjunto todo esse da mais extrema raridade.

Ia-nos esquecendo indicar o tão pouco seguro e logrador de incautos, isto é, o *Dicionário Bibliográfico* de Sacramento Blake, que a República encontrou com a publicação interrompida no primeiro volume, e sobre cuja continuidade assim depôs o autor nas palavras prefaciais do segundo tomo, a contar a iniciativa que no caso teve Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda: "Um dia fui procurado pelo oficial de gabinete daquele alto funcionário, propondo-me a compra de meus autógrafos. Era a aurora que se ia abrir. Dois dias depois esse digno Ministro, com o peito cheio de amor às letras e à pátria, mandou que a Imprensa Nacional fizesse a publicação, sem ônus algum para o autor".

A *brasiliana* de Rui Barbosa tomaria proporções consideráveis se a identificássemos com o *Catálogo dos Livros sobre o Brasil*, de José Carlos Rodrigues, de

que há também um belo exemplar na biblioteca de Rui: a ela incorporaríamos então as obras de Fernão Lopes, Azurara, Castanheda, João de Barros, Damião de Góis, Afonso de Albuquerque, Diogo do Couto, Gaspar Correia, Duarte Nunes de Leão, Pedro de Mariz, isto é, a torrente dos clássicos portugueses, seção em que a livraria de Rui Barbosa é incomparavelmente mais rica que a de José Carlos Rodrigues.

Livros e autores há que Rui citou repetidamente em alguns dos seus trabalhos, mas que se não encontram na sua biblioteca: Gabriel Soares, Aires de Casal, Koster, as *Memórias* de monsenhor Pizarro, o dicionário de Moreira Pinto, escritos de José Pompeu e Theberge, todos por ele utilizados amiúde nas razões finais sobre os *Limites entre o Ceará e o Rio Grande do Norte*. Nesta obra, no *Direito do Amazonas ao Acre Setentrional* e noutras ainda, também largamente se valeu de Barléu, Simão de Vasconcelos, Rocha Pita, Jabotão, Saint-Hilaire, Varnhagen, Joaquim Caetano, Saint-Adolphe, Studart, Rio Branco, Joaquim Nabuco, Lúcio de Azevedo. Serve isso para mostrar que, de fato, ele freqüentava os seus livros de história nacional, de que há, através da sua obra, alguns quadros e episódios magistrais, em artigos, discursos e conferências.

Há uma curiosa revelação que fazer, concernente a livros brasileiros, mas de literatura propriamente dita: esses escasseiam desprezivelmente em meio de tanta riqueza. Quase que só se nos deparam obras oferecidas, na maior parte sem nenhuma categoria, mas ainda assim conservadas entre as demais. Debalde, porém, se buscarão trabalhos dos próprios corifeus das nossas letras. De longe em longe surgem um Gonçalves Dias, um Machado de Assis, um Júlio Ribeiro (*A Carne*), mestres da língua citados na *Réplica*, ou um Castro Alves, e até um Cruz e Sousa. Mas não há um Álvares de Azevedo, um Varela, um Raimundo Correia. Os livros de Alberto de Oliveira trazem dedicatórias. De Olavo Bilac, puramente os discursos da defesa nacional.

CIÊNCIA E LITERATURA

A ciência das religiões, sua psicologia, sua filosofia, sua exegese, sua história, particularmente as do cristianismo, representam outra seção considerável.

Muitas literaturas aparecem com as suas histórias, escritas pelos mais acreditados especialistas. A grega exhibe a de Otfried Müller, a de Mahaffy, e a maior e a mais acreditada de todas, a dos irmãos Croiset. A latina ostenta, entre outras, as de Teuffel e de

Lamarre, de primeira ordem, sobretudo aquela. Nem falha a da idade média, na obra clássica de Ebert. Dentre as modernas, a da literatura francesa de Petit de Julleville; a da espanhola, de Salcedo Ruiz; a da inglesa, nos fartos volumes de *The Cambridge History of English Literature*, para a qual a crítica só encontrou os mais altos encômios. Não se buscarão inutilmente os elementos essenciais da literatura comparada, nem tão-pouco essas monografias críticas das figuras literárias mais distintas, os ensaios dos melhores aquilatadores literários da Europa e América, antigos e modernos.

A literatura de ficção não falta, não poderia faltar: autores gregos e latinos, alguns em diferentes edições, e, quando traduzidos, em versões inglesas, francesas, italianas, espanholas e portuguesas. Poucos volumes da *Bibliothèque Grecque*, de Firmino Didot, e as coleções de Panckouke e Nisard quase completas. À sua morte, as edições *Les Belles Lettres*, muito superiores às duas coleções a que acabamos de aludir, estavam apenas em início, e assim escassos são os números delas na companhia dos seus predecessores. Das letras francesas não podemos deixar de mencionar a excelente coleção *dos Grands Écrivains de la France*, iniciada em 1860 pela casa Hachette, sem a ausência de um só: são cento e vinte e oito tomos das obras de mme. de Sévigné, Malherbe, La Bruyère, la Rochefoucauld, Corneille, Racine, La Fontaine, Molière, De Retz, Pascal e Saint Simon, e mais a correspondência de Bossuet, mas esta apenas em dez volumes, todos numa edição em que a segurança e pureza do texto, a profusão e maestria das notas e dos vocabulários rivalizam com o esmero da mão de obra tipográfica, a excelência do papel e o apuro da encadernação. "Constitui", segundo o depoimento de Alberto Cim, "a honra da livraria moderna e um verdadeiro monumento levantado à glória das letras francesas". Nesta mesma categoria está a *édition nationale* das obras de Victor Hugo, em dez magníficos volumes em quarto, mas sem os trinta e três que a completam. E mais ou menos com a mesma abundância e variedade que a francesa, a literatura inglesa, a alemã, com o seu Goethe no original, a italiana, a espanhola, a portuguesa, a norte-americana. Dessas literaturas, poremos em relevo a portuguesa, com a multidão imensa dos seus clássicos, em raras e acreditadas edições, e a castelhana, com os setenta grandes volumes da magnífica *Biblioteca de Autores Españoles desde la formación del lenguaje hasta nuestros dias*, ordenada por d. Buenaventura Carlos Aribau e outros, e os vinte e cinco volumes da excelente *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, dirigida por Menéndez y Pelayo.

Afirmava Mário Barreto, com a autoridade de professor de espanhol, que era Rui quem, no Brasil, mais conhecia esse idioma. E ao receber, aos 20 de julho de 1916, o embaixador da nossa pátria, que então o era, no salão de conferências da *Prensa*, em Buenos Aires, disse Estanislau Zeballos, em discurso escrito, que não pudera jamais gozar ali a eufonia do verbo clássico do orador e escritor brasileiro, porque este sempre lhe falava em castelhano, "e duma madrilena correção". Aos seus amigos confessava Rui ser admirador da língua de Cervantes, a qual contava entre as mais belas, sonoras e eloqüentes. Enfim, no meio desses livros, os de origem inglesa desfrutam uma situação ainda hoje desusada em nossa terra.

Mas autores há que são privilegiados, e se acham em muitas edições: Cícero, Shakespeare, Vieira, Chateaubriand. De par com diversas edições desses autores, dicionários, vocabulários de concordância, gramáticas, estudos particularizados sobre a língua de alguns deles, e às vezes material de idêntica natureza há relativamente a outros escritores, como, por exemplo, Dickens e Daudet. A dantesca e a cervantina, pela sua importância, impõem-se à nossa admiração, assim como os livros de erudição e cultura espanhola.

DICIONÁRIOS

A seção de lingüística, se bem que com algumas obras notáveis, não está no mesmo nível das outras coleções. Mas os dicionários de vários idiomas são em número assaz avultado, e dos melhores e mais famosos, desde o Du Cange, com o seu consagrado glossário da baixa latinidade, o Forcellini e o Freund, até o dicionário clássico-etimológico latino-espanhol de d. Francisco Commeleran y Gomez, e os vulgares de Quicherat-Davelly e Saraiva. Dos espanhóis, são vinte volumes, distribuídos entre os seis grandes *in-folios* do dicionário da Academia Espanhola, estampado entre 1726 e 1738, o mesmo num só volume reduzido, na edição de 1914, os cinco alentados tomos do dicionário etimológico de Roque Bárcia, os três do dicionário enciclopédico da língua castelhana de Elias Zerolo, Miguel de Toro y Gomez e Emiliano Isaza, os dois do *Diccionario de Construcción y Regime de la Lengua Castellana*, trabalho excepcional de Rufino Cuervo, e finalmente ainda três do *Dicionário Español-Português* de Mascarenhas Valdez. E o Littré, o Hatzfeld e Darmesteter, do qual disse o próprio Rui: "onde se exara o estado atual dos conhecimentos filológicos no assunto". O *Century Dictionary*, dirigido por Whitney, mas sem a companhia

da obra, que Rui classificava como "ainda mais monumental" que a de Littré, isto é, a de John Murray e da Sociedade Filológica de Londres, cuja presença na biblioteca de Francisco de Castro ele enaltecia como instrumento de cultura. E o Petrocchi, o Ferrari e Caccia, o Bluteau, dádiva natal de Francisco de Castro, o *Dicionário da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, que mereceu de Rui Barbosa este justo juízo: "o mais autorizado léxicon do nosso idioma". Neste capítulo de dicionários, é deveras opulenta a biblioteca que se guarda nos salões de S. Clemente.

DA FILOSOFIA ÀS MATEMÁTICAS

A filosofia está nobremente figurada em Platão e Aristóteles, em Leibnitz e Spinoza, todos com as suas obras completas, bem como Francisco Bacon, cuja *Confissão de Fé* o próprio Rui Barbosa teve oportunidade de caracterizar como "admirável *Summa Theologiae* em sete páginas, de uma língua deliciosamente pura, verdadeiro monumento dos mais capazes de abalar os espíritos menos dóceis à inspiração cristã". Descartes, na edição de Júlio Simon. Rousseau, Voltaire, Locke e Hegel, em obras incompletas. Hume, Kant, Comte, Spencer, quase integrais. Já Schopenhauer só nos surge nos seus livros menores, sem o *Mundo como Vontade e como Representação*. Nietzsche, William James, Bergson, Bertrand Russel, Dewey, correspondem todos à chamada. Vêm depois os manuais de filosofia, as histórias da filosofia. Contra o que geralmente se diz, Rui Barbosa explorou as grandes construções filosóficas, lendo-as integralmente, conforme confissão sua, desde Platão aos modernos. Ele teve também uma fase intensa de inquietação religiosa, que o levou a pesquisar esses sistemas: "Percorri as filosofias", disse Rui desse estado do seu espírito; "mas nenhuma me saciou: não encontrei repouso em nenhuma. Entre o espiritualismo, o agnosticismo, o materialismo, muitas vezes se me levantou da razão esta pergunta: onde está a ciência"?

A psicologia, a lógica, a moral, revelam-se em vários dos seus autores vulgares. Dentre as obras de sociologia surgem os dez magníficos volumes *in-folio* da *Descriptive Sociology or Groups of Sociological Facts*, de Herbert Spencer, custosa publicação que ficou em meio, e na qual quase naufragou financeiramente o famoso sociólogo e filósofo.

E as revistas técnicas acompanham os livros congêneres, isto é, *The Popular Science Monthly*, a *Revue Scientifique*, *La Philosophie Positive*, a *Rivista di Filosofia Scientifica* de Morselli e Tanzi.

A astronomia, a meteorologia, a física e a química, a geologia e a mineralogia, a paleontologia, a pré-história, a antropologia, a geografia, as ciências biológicas, a botânica, a flora, a zoologia, de tudo isso, bem como das matemáticas, da medicina e higiene, encontrareis o bastante à integração da biblioteca particular de um homem de estudos.

Depois, os infalíveis e úteis dicionários e vocabulários em diversas línguas, acerca dos assuntos mais distantes e opostos.

CURIOSIDADES IGNORADAS

Curiosidades dignas de nota, que Rui Barbosa cultivava sem ruído: a homeopatia, a oceanografia, a levitação, as aparições materializadas de vivos e mortos, os fenômenos psíquicos enfim eram especialidades que lhe preocupavam seriamente o espírito, dedicando-se a elas silenciosa e ignoradamente, sabido apenas de alguns amigos íntimos, aos quais dizia: "Quanta coisa estudo, e que se não sabe, e de que talvez não me utilize nunca na vida"!

MATERIAIS DO HOMEM PÚBLICO

Mas o homem público, o político, o estadista, estava formidavelmente armado, de maneira superior a tudo sobre o que já vos demos as indicações anteriores.

Em revistas, livros elementares, vastos tratados, monografias, dicionários de economia política e finanças, política de várias nações, política internacional, americanismo, doutrina de Monroe, diplomacia, questões sociais, educação, a biblioteca de Rui Barbosa está admiravelmente dotada.

A eloquência faz nas suas estantes a parada mais luzida. Através delas, todas as vozes se deixam ouvir, desde o incomparável acento helênico, o nobre timbre romano, até a fala grave dos britânicos e americanos do norte, o claro período gaulês, a sonora dição dos italianos e a numerosa locução dos espanhóis, — na "expressão mais fina, mais natural e mais bela da palavra", como Rui Barbosa mesmo a definiu: " a evidência alada, a inspiração resplandecente, a convicção eletrizada, a verdade em erupção, em cachoeira, ou

em oceano, com as transparências da onda, as surpresas do vento, os reflexos do céu e os descortinos do horizonte".

Esse civil irreduzível, esse incurável pacifista, era um sério estudioso das questões militares. Os seus livros sobre operações bélicas terrestres, sobre guerra marítima e questões navais, revelam a profundidade das suas preocupações neste sentido. A guerra europeia tem nos raios dos seus armários proporções consideráveis. Todos os aspectos do extraordinário cataclismo estão ali contemplados, a começar da parte puramente narrativa ou histórica, e a acabar nas demais: a militar, a diplomática, a jurídica, a econômica, a colonial, a internacional, a política propriamente dita. Se quiserdes ter uma noção de conjunto sobre o imenso conflito, podereis adquiri-la em obras formidáveis: nos quatorze tomos da história de Hanotaux, nos cinco volumes de *The Great War*, de George H. Allen, nos onze de *The Times Documentary History of the War*, nos vinte e um volumes de *The Times History of the War*, nos noventa e um números de *The New York Times Current History of the European War*, nos trinta dos *Archives de la Grande Guerre*. Para a legislação, ser-vos-á fácil conhecê-la nos cinco volumes da *Legislation de la Guerre de 1914*, publicada por Sirey. E se vos interessa saber como, após a invasão, cuidou a Alemanha da condição legal da Bélgica, tê-la-eis na *Legislation Allemande pour le territoire belge occupé*, em quatorze volumes.

O comunismo e bolchevismo: onde estão os freqüentadores desses estudos? Pois podem praticá-los noutra das mais notáveis e curiosas seções da admirável biblioteca.

LIVROS DE DIREITO

O que, porém, sobre tudo e sobre todas as coisas, avulta na livraria de Rui Barbosa, é a parte jurídica. Não seria fácil encontrar uma biblioteca particular que, em 1923, numerasse as espécies que ele reuniu a mãos largas e cheias dos mais distantes cantos do globo. Pode-se talvez dizer que, àquela data, nada de essencial lhe faltava. As legislações de todos os povos civilizados, as constituições, os códigos e as leis civis, comerciais, penais, processuais, às vezes em mais de uma coleção do mesmo país. Revistas imensas, — francesas, americanas, inglesas, italianas, belgas, várias em algumas dessas línguas, sobre quase todos os ramos do direito, e acompanhadas de dicionários jurídicos e extensas enciclopédias, gerais ou especializadas, em diversos idiomas também. Valendo-se certa vez

de uma dessas publicações periódicas, o *Foro Italiano*, vangloriou-se Rui de contá-la integral entre os seus livros: "Temos a fortuna de possuir a sua coleção completa, de 1879 a 1907". E, à maneira das revistas, vastos repertórios da jurisprudência universal enfileiraram-se na companhia de amplos e copiosos tratados e de modestos e insignificantes manuais, desde Gluck a Foignet, de todos os ramos do direito, de grande número de nações e em todas as línguas cultas, inclusive a alemã, que Rui Barbosa lia sem dificuldade, e em que não escasseiam obras entre os volumes que deixou. Tais livros estão não rara em diferentes edições.

Isso só seria bastante. Mas ainda há mais: uma rica e rara seção de monografias, dessas monografias preciosas e indispensáveis, que exaurem os assuntos de que às vezes nem sequer cuidam os tratados, e que contêm, entretanto, as matérias que surgem na vida diária do advogado. Nessa particularidade ainda hoje será difícil confronto com outra livraria. Vê-se que Rui Barbosa estava atento para que nada de notável lhe escapasse em matéria jurídica. A última monografia digna de apreço, o último manual importante, o último grande tratado até 1923 foram por ele buscados onde quer que os encontrasse.

Mas a sua curiosidade e consciência ainda não estavam satisfeitas. Não lhe bastavam os modernos. Remontou aos maiores jurisconsultos do XIV ao XVII século, reunindo, em excelentes, raras e custosas edições, as obras de Bártolo, de quem dizia Dumoulin ser "le premier et le coryphée, des interprètes du droit"; de Faber, professor dos mais eminentes em França; de Coepola; de Cujácio, o S. Paulo do direito, inaugurador do critério histórico no estudo da ciência jurídica, "o maior dos antigos romanistas", segundo o juízo do próprio Rui Barbosa; de Donelo, que os contemporâneos antepunham à celebridade universal de Cujácio; de Vinni, para muitos, o primeiro jurisconsulto da sua idade; de Lauterbach e Strykio, mestres de que se ensoberbecia e ainda se gloria a sábia Alemanha; de Voécio e Cocéjio, que embeberam da sua influência as correntes jurídicas do tempo; de Heinécio, vasta inteligência renovadora, de aptidões múltiplas, que tudo abrangia, e em um de cujos livros, numa distância maior de duzentos anos, ainda estudávamos, de par com os modernos, nos começos do século XX, o direito romano.

E se buscardes esses grandes jurisconsultos dos séculos XVI, XVII e XVIII, que criaram para Portugal um grande esplendor na Europa, a qual, com justos motivos, nele via um dos mais sérios centros de cultura jurídica, a competir com a França e a Holanda, então

tereis Álvaro Valasco, que, no sentir dos melhores críticos, é daqueles que mais se aproximam de Cujácio; Mendes de Castro e Melchior Febo; Francisco Pinheiro, o mais completo em matéria de testamentos; Manuel Álvares Pegas, a figura mais notável do século, morrendo moço, e legando uma obra colossal; Guerreiro, Silva, Morais, Pedro Barbosa, até esse genial Melo Freire, todos mestres insignes, que a nossa superficialidade de hoje desconhece, mas dos quais a Alemanha, a França e a Bélgica reproduzem alguns no original, isto é, nos austeros textos latinos.

JURISCONSULTO E HUMANISTA

Rui Barbosa aproximava-se de todos esses vultos, freqüentava-os habitualmente, do que há vastos sinais nos seus trabalhos forenses. Porque, como eles, tinha a mesma formação: a formação dos Cujácios, dos Donelos, dos Melo Freires, todos fortes em humanidades, todos ledores constantes e espertos dos grandes clássicos, todos devotos assíduos da história, da eloqüência, da filosofia, da filologia, às vezes da poesia e até das matemáticas, como instrumentos que conduzem ao estudo do direito. A sua rara e forte estirpe não era a mesma daquele Giovanni D'Andrea, o mais famoso jurista do tempo de Petrarca, e a quem este demonstrava e provava a sua insuficiência literária. A jurisprudência, o direito, a política, para Rui Barbosa, como para os antigos, apoiavam-se nas boas letras humanas. Era um jurisconsulto desses velhos e sólidos moldes criadores, que retemperava a sua ciência nas saudáveis fontes primitivas, abandonadas pela ignorância, pela incapacidade e pela preguiça. A sua obra foi construída sobretudo com o espírito da antigüidade clássica. Ora, o sedimento dessas idéias não há como o achar fora dos livros, desses bons livros antigos, e neles, de par com uma grande biblioteca, é que tem de ser buscado e pesquisado. Rui Barbosa não podia, pois, dispensar-se de uma livraria assim, possuí-la em casa, bem junto à sua pessoa. Dele se pode dizer, com Anatole France, que foi um desses homens que "amaram as letras mortas com o mais vivo amor, e encontraram na poeira antiga a centelha da eterna beleza".

HUMANISTA

Mas ainda vos não dissemos tudo. Vamos fazê-lo agora. Há outrossim na biblioteca de Rui Barbosa um excelente fundo de livros de humanismo, entre os quais e sobre todos

esplendem os de Erasmo, com as suas cartas no original romano, e com a sua notável edição comentada de Suetônio Tranquilo, Dion Cássio tirado em latim, ambos impressos juntamente com os escritores da *História Augusta*, isto é, Élio Esparciano, Júlio Capitolino, Élio Lamprídio, Vulcácio Galicano, Trebélio Polião, Flávio Vópisco, em legítima editoração *princeps* de Colônia, em 1527. E Landino, esse platônico da renascença italiana, a compor, no seu retiro de Prato Vecchio, as traduções e os comentários de Vergílio, Horácio, Plínio e Tito Lívio. Dele, é a jóia da biblioteca de Rui Barbosa, a edição da *Divina Comédia* de 1481, precioso incunábulo, com desenhos originais de Boticcelli, gravuras de Baldini e comentos do famoso editor, mestre, que foi, de Lourenço e Júlio de Médicis.

E os livros de Luciano; os escritos de S. Clemente de Roma, S. Clemente de Alexandria, Santo Inácio de Antioquia, S. Policarpo de Smirna; a *Didachè*, que contém a doutrina dos doze apóstolos, notável e precioso documento da vida interior das comunidades primitivas; a carta de Barnabé; o *Pastor*, de Hermas, povoado de visões e revelações como um apocalipse, e do qual Renan descobriu reflexos no evangelho de S. Lucas; o *Martírio de Policarpo*; a *Epístola a Diogneto*, eloqüente e calorosa, e para cujo autor desconhecido a verdadeira religião é a do Cristo; a *Vida de Apolônio de Tiana*, por Filostrato, o Atenense, tão curiosa para o conhecimento da credulidade contemporânea; as obras de Juliano, o imperador, forte e original figura, bela esperança malograda; a *História das Guerras de Justiniano*, por Procópio, escritor notável, que retrata ao vivo a sociedade em que viveu; a *Queda de Tróia*, poema de Quinto de Smirna, que, não sem arte, se atreveu a continuar a *Ilíada*; o *Barlaão e Josafá*, romance ascético, que se atribui a S. João Damasceno; a *Argonáutica*, de Apolônio de Rodes; Aquiles Tatío, de Alexandria, com o seu romance das *Aventuras de Leucipo e de Clitofon*, tudo isso em excelentes edições da coleção Loeb ou da *Biblioteca Oxoniensis*, com os respectivos textos gregos e as versões em inglês, empresta à livraria de Rui Barbosa um desusado cunho de cultura, de erudição, de gosto, que só é possível em países de educação clássica, humanística.

Igual significação têm os tratados teológicos de Boécio, tão vulgarizados na idade média; o *Livro das Etimologias ou Origens*, verdadeira enciclopédia dos conhecimentos humanos da época, e da autoria de Santo Isidoro, bispo de Sevilha; os estudos do gramático Ascônio Pediano, o famoso comentador de Cícero; as cartas de Santo Isidoro Apolinário,

que nos revelam os hábitos e costumes dos francos e gauleses do seu tempo, todos igualmente em excelentes edições inglesas das mesmas coleções citadas.

LIVRARIA DE UM ERUDITO

Quantas bibliotecas se poderiam formar à parte, dentro dessa livraria excepcional, e que se pode inscrever entre as melhores obras de Rui Barbosa! Dela extrairíamos uma biblioteca jurídica, uma biblioteca política, uma histórica, uma de memórias, uma de correspondência, uma literária, uma filosófica, uma científica, uma clássica, uma de eloquência, uma lexicográfica, uma de humanidades, e todas numerosas e ricas, sabiamente escolhidas.

É a livraria de um erudito, que, entretanto, compreendia a especialização crescente da ciência, a exigir cada vez mais do estudioso a limitação da sua experiência. "O saber moderno", foi o próprio Rui quem o viu e disse, "o saber moderno, espaçando incomensuravelmente as extremas do universo acessível à sonda humana, rasgou ao estudo páramos encantados, revelou à curiosidade imprevistos fabulosos, armou a observação de instrumentos estupendos, variou-nos ao infinito o campo do trabalho. Mas, por isso mesmo, o adscreveu a uma prudência, a uma temperança, a uma humildade, que encerram a cada trabalhador nos âmbitos mais estreitos. As sínteses vêm a ser agora de uma vastidão e complexidade inenarravelmente embaraçosas. As análises, de uma particularização, uma severidade e uma delicadeza não menos exigentes. De sorte que, nessa imensidade incalculável, balizada pela imaginação entre dois infinitos, o do invisível sidéreo e o do invisível microbiano, o menor recanto, conscienciosamente explorado, basta a absorver as forças de um talento e a atividade de uma vida".

Ora, Rui Barbosa a si mesmo se caracterizava como "o homem talhado para a luta política, para a tribuna parlamentar, para a construção legislativa". E se caracterizava com acerto. A sua livraria também nos diz isso. Todas as seções que se acrescentam à parte fundamental dela não passam de remates e complementos desta última, mas todas necessárias a uma inteligência de primeira ordem, feita de seriedade, dignidade e nobreza, todas indispensáveis a uma vida de combatente, de apóstolo, de erudito, vida, porém, no seu conjunto, harmoniosa e perfeita. Destarte, e conforme ele próprio o confessou, "as letras nela entram apenas como a forma da palavra, que reveste o pensamento, como a

eloquência, que dobra o poder das idéias, como a beleza aparente, que reflete a beleza interior, como a condição de asseio, que lhe dá clareza às opiniões, que as dota de elegância, que as faz inteligíveis e amáveis".

AS GRANDES BIBLIOTECAS

Assegura-se, porém, que passou o tempo das grandes bibliotecas. E que passou sem esperança de volta. "Os grandes livros atravancadores", diz Rouveyre, como que a descrever em parte a livraria de Rui Barbosa, "as coleções numerosas, os clássicos gregos e latinos (*cum commento*, acentuava Rabelais), os incontáveis historiadores de todos os tempos, de todos os países, de todas as cidades, de todas as igrejas, tudo foi para sempre banido das bibliotecas de amadores, e relegado para as bibliotecas públicas, sob a defesa, ah! duma poeira que deverá ser secular".

Mas já mesmo entre os antigos havia quem desadorasse, como Sêneca e S. Jerônimo, as imensas livrarias. E entretanto do tempo do próprio Sêneca era o gramático Epafrodito, que possuiu trinta mil volumes. A questão, pois, de saber se se deve ter uma grande ou pequena biblioteca, é de todos os tempos. Desde a antiguidade aos dias que correm não têm faltado essas curiosas coleções. Cícero, já o vimos, reuniu uma das maiores. E a gente que o cercava tinha o mesmo gosto. O seu amigo Ático era um desses. Tiron, seu liberto e bibliotecário, contaminou-se do vício, e acabou dono de muitos milhares de volumes. Plínio, o moço, além de prezar os livros, fazia deles presente, ainda quando custavam tanto dinheiro, e a Como, sua cidade natal, doou uma biblioteca. E até Marcial, que jamais passou por sujeito dotado de bens de fortuna, e Sílio Itálico, todos tiveram os seus livros. No segundo século da era cristã Laurêncio reuniu nada menos de 35.000 volumes. Escalígero estimava que, "para uma perfeita biblioteca, seriam precisos seis grandes cômodos". Muitos livros teve D'Aguesseau, e, depois dele, Victor Cousin, Victor Le Clerc, Júlio Simon, Luís Barthou. Entre nós, parece que não houve biblioteca maior que a do conselheiro Cândido de Oliveira, que, como Boulard, mantinha casas alugadas só para depósitos de livros. Tinha-os sobre as mais diferentes espécies e os assuntos mais variados, sem o trato que aos seus dispensava Rui Barbosa. Dispunha, na Europa, de correspondentes, incumbidos de lhe mandarem as melhores novidades, principalmente jurídicas, que aparecessem. Eduardo Prado, Alfredo de Carvalho, Oliveira

Lima, Alfredo Pujol, Simões Correia, Estêvão de Almeida, Solidônio Leite, Alberto Lamego, Félix Pacheco, foram donos de livrarias consideráveis, que se dispersaram quase todas, à exceção da de Oliveira Lima, doada a uma universidade americana, e das duas últimas citadas, adquiridas pelo governo de S. Paulo. Não menores, e igualmente preciosas, possuem-nas hoje os srs. drs. J.F. de Almeida Prado, João Marinho, Afonso Pena Júnior e José Sabóia de Medeiros.

MEMÓRIA, E NÃO CATÁLOGO

Circunstância, porém, digna de nota. Da sua enorme biblioteca Rui Barbosa não tinha catálogo de qualquer espécie. E os livros, como já dissemos, se dispunham em duas e três filas, e muitos eram colocados horizontalmente sobre a cabeça dos outros. Demais, não os tinha nunca em repouso. Mudava-os continuamente de situação, o que fazia por suas mãos. O seu catálogo era a sua memória, que ele tinha fora do comum, e dela se vangloriava, como o fez na *Réplica*: "Graças a Deus, sempre me tiveram, até os meus desafetos, por sujeito de retentiva alguma coisa acima do vulgar".

Propuseram-lhe certa feita organizar um catálogo. Ao que replicou:

— "Já necessitei acaso de algum livro que o não fosse buscar no seu lugar? Quando precisar de catálogo, não precisarei mais de livros".

Era o prodígio da memória. Escudado nela, jamais teve catálogo para a sua livraria. Quando deputado geral, essa memória foi objeto de reparo, e Afonso Celso o notou nos seus *Oito Anos de Parlamento*. Não seria como a de Donelo, que sabia de cor todo o *Corpus Juris*, ou como a de Escalígero, que em vinte e um dias decorou a *Ilíada* e a *Odisséia*, ou como a do infante d. Duarte, de quem conta André de Resende que dizia às avessas capítulos do *De Officiis* de Cícero. Mas seria como a de Júlio Simon, que também não tinha catálogo para os seus vinte e cinco mil volumes, e os classificava, se assim se pode dizer, pela cor das encadernações, variando-as conforme os assuntos, e assim não tinha dificuldade em achá-los. Ia sempre com segurança aonde eles estavam. Já cego, aos oitenta anos, viu-o Léon Séché tirar do raio de uma estante um exemplar das *Paroles d'un Croyant*, que, desde 1834, ou há sessenta anos, jazia por detrás de uma rima de livros.

Ora, em Rui Barbosa predominava o gosto de uma só cor para todas as encadernações, embora entre seus volumes os encontremos de todas as tonalidades. Apesar

disso, porém, caminhava direito à busca da obra desejada. Até de longe, se carecia de livros, mandava buscá-los por escrito, com as indicações mais minuciosas. Só uma memória como a sua, memória de várias espécies, entre as quais a menor não era a topográfica, poderia redigir um pedido como este, formulado em carta de Nova Friburgo, de 23 de janeiro de 1897, ao seu cunhado, o sr. Carlos Viana Bandeira: "Vai à minha livraria, e, na maior das duas estantes, que ficam aos lados da porta do meu gabinete, divisão do centro, corpo inferior, segunda prateleira, contando do chão, encontrarás *deitados um sobre o outro* dois livros com o título: Ribas: *Direito Civil*. Tira-os, empacota-os bem, e envia-mos por algum comissário, ou portador seguro, no trem de terça-feira".

Ou estoutro, mandado de Petrópolis, e que pode rivalizar com o mais completo boletim de consulta de uma biblioteca:

"Tirar e remeter-me:

"— Do meu quarto de vestir, papelreira que fica ao lado da minha secretária, gavetas à direita de quem olha para ela, segunda, ou terceira a contar de cima, um artigo meu sob o título *Pasquino e Marfório*.

"— Da biblioteca, estante situada entre as duas portas do corredor, lado esquerdo, terceira ou quarta prateleira, contando de baixo, uma obra de lombada preta em dois volumes, com o título — Duvergier d'Hauranne: *Les Abus d'Autorité en France*.

"— Do gabinete, estante oposta às janelas, primeira ou segunda prateleira a contar de cima, segundo ou terceiro corpo a contar da esquerda — Carrara: *Diritto Criminale, Programma, Parte Speciale*, o volume onde estão os §§ 2.760 a 2.779.

"Ainda nessa estante, nessa mesma parte envidraçada, primeira, ou mais provavelmente segunda prateleira, a contar de baixo, um volume com o título — *Liberté Individuelle*.

"Ao entrar na minha biblioteca pela porta do corredor, há duas estantes giratórias: uma à direita, outra à esquerda.

"Na da direita, em uma das prateleiras de baixo, tire um livro inglês, de dois volumes, capa de *percaline* vermelha, com o título *Belgium*, por um diplomata americano.

"Na da esquerda, em uma das prateleiras de cima, a segunda ou terceira (de cima para baixo), tire o segundo volume, que lá está sozinho, da obra de Hayes: *A Political and Social History of Modern Europe*, capa de *percaline* azul escuro".

SEM FICHAS

Se não tinha catálogo, também não tinha fichas, onde recolhesse as anotações das suas leituras.

Entretanto, sobre o assunto, assim depôs o visconde de Carnaxide numa conferência: "Num belo artigo do dr. Cunha e Costa, notória e lúdica glória do pretório e

das letras portuguesas, publicada no número de agosto último da revista de Coimbra, *O Instituto*, afirma o autor, com o seu qualificado testemunho pessoal, pois que no Brasil tratou com Rui Barbosa, e o ouviu no foro na sustentação dum *habeas corpus* perante o Supremo Tribunal Federal, que desse príncipe da palavra falada e escrita, o poder verbal orçando pelo gênio, não era afinal mais do que a expressão magnífica duma cultura que assombra pela vastidão, e duma espiritualização, cuja revoada estonteia; informando depois noutra lugar que todas as leituras, e Rui Barbosa tudo lê, eram logo por ele resumidas em fichas rigorosamente catalogadas, de modo a encontrar, à mão e em dia, os materiais de que carecesse; e isto não só quanto às espécies jurídicas, mas ainda quanto às políticas, econômicas e sociais, nunca o tendo qualquer assunto encontrado descalço".

Não. Jamais Rui Barbosa transportou para quaisquer fichas aquilo que foi observando e anotando através das suas leituras.

INDICADORES BIBLIOGRÁFICOS

Há alguma coisa, porém, que se pode aproximar disso. Mas muito rudimentar, muito incipiente, e que nada representa diante da colossal massa bibliográfica, de que se utilizou em todo o curso da sua vida. Dele nos ficaram dezesseis volumes de formato de papel almaço, encadernados em pano preto, e nos quais, sem muita ordem e unidade, organizou uns ensaios de bibliografia, inscrevendo no alto das páginas os assuntos, e indicando a seguir os lugares em que estavam eles estudados em livros e revistas. As indicações são feitas conforme as matérias estão tratadas de modo geral nas obras e nos periódicos, e não têm absolutamente aquele cunho de registo de anotações de leituras, tomadas às vezes até incidentalmente em páginas em que o tema é diverso. Compreendem esses livros assuntos sociais, políticos, econômicos e jurídicos; economia política; finanças; direito privado (família, coisas, obrigações e sucessões); direito comercial; direito público e constitucional; direito administrativo; direito penal; direito internacional público; direito internacional público e um pouco de direito internacional privado; outra vez direito internacional privado; processo; indicações concernentes a questões de limites. Destes índices alguns há, como o de economia política, cuja bibliografia é quase nula. Todo o direito civil coube num só volume. Poucos daqueles livros têm certa amplitude: os em que se encontram indicações bibliográficas exclusivamente relativas ao direito público e

constitucional, ao direito internacional público e ao direito internacional privado. Quem conhece as fontes inexauríveis de trabalho de Rui Barbosa, por ele mesmo indicadas nos seus livros, pareceres e arrazoados forenses, pode dizer com a mais decidida segurança que esse material não teve maiores utilidades nas suas investigações eruditas. Ele bastaria a um modesto trabalhador. Não lograram continuidade as inscrições bibliográficas desses livros, e evidentemente Rui Barbosa abandonou essa tarefa. Tal preocupação deve datar da época dos estudos sobre o projeto de Código Civil, que Rui Barbosa, por motivos de consciência, teve de abandonar. Quando, em 1905, um redator do *Correio da Manhã* esteve em S. Clemente, para obter uma entrevista de Rui Barbosa, este mostrou-lhe os livros em apreço.

ERUDITOS DE CARTÃO PINTADO

Acumular volumes, porém, só pelo prazer de acumulá-los, é pura fatuidade, um sacrifício à moda ou à ostentação, senão um vício, como o teve o cardeal da Cunha, com os seus onze mil volumes, aos quais o conde da Ponte, "homem de juízo e bons ditos", pôs o nome de — *as onze mil virgens*, pois aqueles e estas rivalizavam em pureza e imaculabilidade jamais profanada. Da mesma curiosa estirpe foi o corretor português Pereira Merelo. Dele nos conta Teófilo Braga que, em quarenta anos de trabalho, todas as suas economias foram para os livros. Comprava-os às vezes em leilões, cobrindo os maiores lances, e, com as próprias etiquetas, guardava-os em sacos e em caixas. Acabou por não saber o que tinha. E tinha preciosidades da maior estimação. Não tardou em ser vítima de furtos, e, no fim da vida, veio a grande doença, a falta de recursos, e a conseqüente venda da biblioteca encaixotada e ensacada.

Antes a figura do ricaço erudito da fábula de Iriarte, o qual mandou fazer supostos livros de cartão, dissimulando-os e disfarçando-os na pintura, pondo-lhes rótulos falsos, fingindo pasta e pergaminho:

"Manos a la labor! Libros curiosos,
Modernos y antiguos,
Mandó pintar, y a más de los impresos,
Varios manuscritos".

Desses eruditos de cartão pintado, que só conhecem os livros pelos respectivos dorsos, há muitos por toda a parte e em todos os países. Já La Bruyère os conheceu, e nos contou

como, ao visitá-los, quase caía de fraqueza, ao cheiro do couro preto das encadernações que os revestiam.

A MUNIÇÃO DE MONTAIGNE

Não é esse, porém, o destino dos livros em mãos daqueles que os têm como inseparáveis companheiros da vida. O grande Montaigne dizia deles excelentemente: "C'est la meilleure munition que j'ays trouvé à cet humain voyage".

E isto é o que eles foram para Rui Barbosa: verdadeira munição nas suas grandes campanhas ou simples horas de guerrilhas. Rui Barbosa desancava os adversários, atirando-lhes uns sobre outros grossos e pesados *in-folios*, encadernados no mais resistente couro de bezerro, como aquele exemplar das *Cartas* de Cícero, que quase fez a Petrarca perder a perna esquerda. Também como Montaigne, jamais Rui Barbosa viajou, na paz ou na guerra, sem a sua provisão de bons livros. Quando foi para Haia, carregou consigo verdadeiro arsenal, com que metralhou vitoriosamente Martens, Choate, Lord Reay e Drago.

HÁBITO DE LER

De menino ainda adquiriu Rui Barbosa a saudável prática da leitura e do estudo. Não é quando já se transpôs esse período da existência, no qual tudo se recebe e guarda facilmente e se contrai o hábito do comércio com os livros, que se há de iniciar a vida estudiosa e meditativa. "Não começando nos anos juvenis", reparou o próprio Rui Barbosa, "tarde será nos outros. Vegetareis então como o sapê das terras cansadas, entonado, exuberante, mas ocioso, bravio, daninho, símbolo da esterilidade satisfeita e ostentada ao sol".

DE VELA NA MÃO

Assim, Rui Barbosa madrugou para o trabalho mental. Porém não sem obstáculos e empecilhos. Atormentava-o a hipermetropia, de que, só muito mais tarde, se pôde libertar, quando, aqui no Rio, achou meio de sanar esse defeito. De modo que ler, para ele, na mocidade, era uma aflição contínua. Constâncio Alves nô-lo representou nessa fase, "com o rosto encostado aos livros, de vela na mão, alumando as páginas, por horas e horas".

Aqueles que lhe foram companheiros de quarto nas *repúblicas* de estudantes não guardaram boas recordações desse tempo. A vela de Rui Barbosa não os deixava dormir.

Contava um deles, Domingos Guimarães, que foi depois deputado pela Bahia, que, já em dias do novo regime, ao interrogar Rui Barbosa se ainda lia com a mesma intensidade antiga, este lhe replicara afirmativamente, e não sem emprestar às suas palavras o cunho da mais profunda tristeza:

— "Domingos, não poderei nunca me utilizar de tudo o que tenho estudado"!

Depois lhe ficou o uso da vela, mas para as primeiras horas da noite, para a última leitura, quando, já sob os lençóis, com o castiçal sobre o peito, lia romances de aventuras policiais ou outros livros equivalentes, sucedendo-lhe às vezes incendiar a roupa da cama.

TRABALHADOR DAS ALVORADAS

Era o único sacrifício que fazia à leitura à noite. Porque se comprazia em ser o trabalhador das alvoradas, com o dia a lhe amanhecer sobre a mesa de trabalho, onde o sol já o encontrava na tarefa quotidiana. Como de Milton nos contou Chateaubriand, igualmente Rui Barbosa despertava para a faina diária no verão às quatro e no inverno às cinco da manhã. "Ouvistes o aldrabar da mão oculta, que vos chama ao estudo"? Pergunta ele, para responder: "Abrí, abrí, sem detença. Nem, por vir muito cedo, lho leveis a mal, lho tendeis à conta de importuna. Quanto mais matutinas essas interrupções do vosso dormir, mais lhas deveis agradecer. O amanhecer do trabalho há-de antecipar-se ao amanhecer do dia. Não vos fieis muito de quem esperta já sol nascente, ou sol nado. Curtos se fizeram os dias, para que nós os dobrássemos, madrugando. Experimentai, e vereis quanto vai do deitar tarde ao acordar cedo. Sobre a noite o cérebro pende ao sono. Antemanhã, tende a despertar. Não invertais a economia do nosso organismo: não troqueis a noite pelo dia, dedicando este à cama, e aquela às distrações. O que se desperdiça para o trabalho com as noitadas inúteis, não se lhe recobra com as manhãs de extemporâneo dormir, ou as tardes de cansado labutar. A ciência, zelosa do escasso tempo que nos deixa a vida, não dá lugar aos tresnoites libertinos. Nem a cabeça já exausta, ou estafada nos prazeres, tem onde caiba o inquirir, o revolver, o meditar do estudo. Os próprios estudiosos desacertam, quando, iludidos por um hábito de inversão, antepõem o trabalho, que entra pela noite, ao que precede o dia. A natureza nos está mostrando com exemplos a verdade. Toda ela, nos viventes, ao anoitecer, inclina para o sono. A esta lição geral só abrem triste exceção os animais sinistros e os carniceiros. Estudante sou. Nada mais. Mau sabedor, fraco jurista,

mesquinho advogado, pouco mais sei do que saber estudar, saber como se estuda, e saber que tenho estudado. Nem isso mesmo sei se saberei bem. Mas, do que tenho logrado saber, o melhor devo às manhãs e madrugadas. Muitas lendas se têm inventado, por aí, sobre excessos da minha vida laboriosa. Deram, nos meus progressos intelectuais, larga parte ao uso em abuso do café e ao estímulo habitual dos pés mergulhados nágua fria. Contos de imaginadores. Refratário sou ao café. Nunca recorri a ele como a estimulante cerebral. Nem uma só vez na minha vida busquei num pedilúvio o espantinho do sono. Ao que devo, sim, o mais dos frutos do meu trabalho, a relativa exabundância de sua fertilidade, a parte produtiva e durável da sua safra, é às minhas madrugadas. Menino ainda, assim que entrei ao colégio, alvidrei eu mesmo a conveniência desse costume, e daí avante o observei, sem cessar, toda a vida. Eduquei nele o meu cérebro a ponto de espertar exatamente à hora, que comigo mesmo assentava, ao dormir. Sucedia, muito amiúde, encetar eu a minha solitária banca de estudo à uma ou às duas da antemanhã. Muitas vezes me mandava meu pai volver ao leito; e eu fazia apenas que lhe obedecia, tornando, logo após, àquelas amadas lucubrações, as de que me lembro com saudade mais deleitosa e entranhável".

CAPACIDADE DE LER

Eis aí o ledor pertinaz, o formidável estudioso que foi Rui Barbosa. Pode-se ter a justa medida da sua capacidade como tal, diante de alguns livros da sua biblioteca. Os dicionários portugueses, por exemplo. Quando saiu a primeira edição do de Cândido de Figueiredo, Rui Barbosa leu-o página a página, e anotando-o, acrescentando-lhe novos vocábulos, novas locuções e acepções novas às já contempladas. Anos depois, alcançou segunda edição o mesmo léxicon. E Rui Barbosa como que o tinha pela primeira vez entre mãos: releu os dois tomos do conhecido vocabulário, da primeira à última folha, cobrindo-o de anotações fartas e diferentes. E ainda a terceira edição consigna marcas do seu manuseio. Da mesma sorte os dicionários de Morais e Santos Valente, este mais conhecido pelo nome de Aulete, foram integralmente percorridos nos seus quatro volumes, recebendo outras contribuições pessoais em quase todas as suas páginas. São oito *in-folios* de dicionários completamente lidos e anotados. E há também sinais de leitura no Bluteau e no Viterbo. Os que lidaram com Rui Barbosa, ouviram-no dizer que, o que ele transplantou

para os seus exemplares de lexicografia portuguesa, representava trinta anos de trabalho infatigável e constante.

Quereis ver ainda mais o leitor que ele era? Há, entre os seus livros, dois exemplares da *Crônica de D. João II*, por Garcia de Resende, ambos da mesma edição coimbrã de 1798. Pois bem. Estão lidos e anotados por mão de Rui Barbosa. Nem sequer são edições desiguais. E o que é notável é como as anotações às vezes de frases longas, de locuções, de construções sintáticas são as mesmas nos dois exemplares. A *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto está lida em duas edições distintas. Antônio Vieira encontra-se em idênticas condições: foi integralmente lido nas suas edições originais, de sermões, cartas (estas apenas em dois volumes) e obras diversas, incluindo-se a *Arte de Furtar*, num total de dezenove tomos, e na edição de Seabra e Antunes, em vinte e seis volumes, num conjunto, portanto, de quarenta e cinco tomos. As anotações em Vieira são, em grande maioria, posteriores à *Réplica*, isto é, depois de 1903. Porque na edição de 1856 deixou Rui Barbosa a data da repetição da sua leitura, quando, no volume oitavo dos *Sermões*, às palavras do numeroso pregador — "na guerra de Alberto César contra os polacos em Boêmia, não dizem as histórias de qual das partes, mas afirmam que uma só bala matou oitenta soldados", — pôs a seguinte interrogação: "Que diria hoje (1916) o grande orador?" Entretanto, desde a Bahia, desde a sua juventude, já conhecia o seu Vieira, tinha-lhe até, na terra natal, organizado glossários.

Aliás os clássicos portugueses foram vastamente relidos após a publicação da *Réplica*. Rui Barbosa não se entregara antes a esses autores com a preocupação de gramaticar, e por isso não os anotara nos seus primeiros contatos com eles. Depois desse repasse, confessava a um amigo:

— "Agora, sim, eu sustentaria muito melhor o debate filológico sobre a redação do código civil".

Sieyès e Destut de Tracy também praticavam essa leitura repetida de um mesmo autor: liam integralmente Voltaire, e, quando chegavam ao último tomo, voltavam ao primeiro. Era um moto-contínuo. Não liam absolutamente mais nada. Somente Voltaire. E com isso se contentavam. Para esses foi que disse o segundo Plínio: *Multum legendum esse, non multa*.

Se, porém, Rui Barbosa relia as obras de um escritor, não ficava nele. A sua capacidade de ler não tinha limites. Era da família de John Ruskin, que a todos os prazeres da vida antepunha o da leitura: "Dai a um homem esse gosto e os meios de o satisfazer, e tê-lo-eis feito feliz".

CÁLCULO DE CONSTÂNCIO ALVES

Lendo, porém, tão desencadernadamente, jamais Rui Barbosa poderia ter lido toda a sua biblioteca. E se isso fosse possível, não seria preciso. Nem sejamos da marca de tantos, que, quando se defrontam com uma numerosa livraria, não se detém, que não indaguem alarvemente ao seu dono: — "Já leu tudo isso? Tem tudo isso na memória"? "Trinta mil volumes", advertiu Constâncio Alves a propósito da biblioteca mesma de Rui Barbosa, "trinta mil volumes, é claro, não podem ser lidos por um homem. Os trezentos e sessenta e cinco dias do ano, multiplicados por cem, dão trinta e seis mil e quinhentos dias. Quem vivesse cem anos e lesse todos os dias, desde o do nascimento até o da morte, um volume, infalivelmente, pouco excederia daquela conta. Escusado é dizer que em uma biblioteca bem organizada, são numerosos os chamados livros de consulta, não destinados à leitura, do começo ao fim. As várias edições de uma obra servem para comparações, e não para estudo acurado, salvo casos excepcionais".

E na livraria de Rui Barbosa exuberam os livros de consultas e as obras em edições diferentes, sobretudo jurídicas, o que é indispensável, tão aceleradamente mudam os textos dos tratados, manuais e monografias, que têm de acompanhar as variações da doutrina, da legislação e da jurisprudência. Depois, Rui Barbosa teve interrupções forçadas, impostas pelos seus encargos, pelas agitações várias da sua vida e pelas suas campanhas memoráveis, que o levaram a visitar várias vezes alguns estados da República, penetrando-lhes o interior, até pelos sertões a dentro.

"OMNIA MEA MECUM PORTO"

Mas nem todos lêem, e alguns lêem poucos escritores. Outros se lêem a si mesmos, como os autores de *Pierre et Jean*, *Germinal* e *Pecheur d'Islande*. Entendia Maupassant que os livros transfiguram e adulteram a realidade, iludem e deformam o espírito. "Os que lêem muitos livros", reparou Anatole France, "são como os comedores de haxixe. Vivem

dentro de um sonho. O veneno sutil que lhes penetra nos cérebros os torna insensíveis ao mundo real e presas de fantasmas terríveis ou encantadores". Mélancthon, Pascal, Descartes, Rousseau, Hobbes, não tinham livros, e liam muito pouco. Excepcionalmente, só aos cinquenta anos de idade se despertou em Lamartine o gosto da leitura. Victor Hugo, esse quase não lia. Zola, a escrever sem parar, não dispunha de tempo para leitura, e em casa só tinha livros escolares. Loti confessou abertamente: "Não leio nunca".

O gênio pode de si mesmo repetir, com sentido diverso da sua significação real e primitiva, a sentença da pobreza que aspira aos céus: *Omnia mea mecum porto*. Entretanto, pensava Emerson que "os homens de gênio devem ser grandes leitores". E Júlio Simon advertia: "Pode-se passar sem livros, quando se é Victor Hugo. Quando se é como eu, nunca se possui bastante". Nem a leitura arrebatou a Comte a força da originalidade e a grandeza do pensamento eterno.

PÁSSAROS DE CORRENTE

Os eruditos, esses não de ler sempre, e ter livros, ou andar pelas bibliotecas públicas. Não trabalham com a imaginação nem com os dados subjetivos do transcendentalismo filosófico, tanta vez pessoal e autônomo. Não se perdem nos vôos ousados da metafísica, a que outros sobem nas asas poderosas do próprio gênio. Não. Ao revés desses, os cultores da erudição tiram tudo dos livros. São pássaros de corrente, pobres Prometeus agrilhoados a um eterno Cáucaso, sem Hércules que jamais os liberte, e, ao contrário do da mitologia clássica, a devorarem a substância e as entranhas alheias.

"NEGÓCIOS DE CASA"...

Entretanto, como a leitura e o estudo também transcendentalizam o espírito, transportam-no a mundos infinitos, a longínquos páramos de sonho! É do célebre humanista Budeu que se conta o caso, próprio a testemunhar um desses arrebatamentos profundos. Achava-se ele preso à leitura mais absorvente, quando lhe entrou pela biblioteca adentro o criado, para lhe anunciar que a casa estava a pegar fogo. "Está bem", articulou desatento o fundador do Colégio de França; "avise a minha mulher. Bem sabe que não me ocupo com os negócios de casa".

ARTE DE LER

Há ler, porém, e ler. Goethe afirmava que levava oitenta anos a aprender a ler, e não podia dizer que já o tivesse conseguido. Sainte-Beuve pretendia publicar uma *Filosofia da Leitura*. Assegurava-me Constâncio Alves, capacíssimo leitor jamais cansado de ler, assegurava-me esse saudoso amigo que a vida inteira passara a saber como se lê, e, entre os planos das suas obras abortadas, uma havia, que era sobre a arte de ler. De fato: somente com a carga dos anos vividos na leitura feita com inteligência e agudeza se entra a aprender a ler. Rui Barbosa havia de sentir isso mesmo, sentiu-o, e exprimiu-o excelentemente: "Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através desses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo".

"IN ANGELLO CUM LIBELLO"

O ideal para esses homens seria a casa que o mesmo Constâncio Alves queria para si: um como armazém enorme, cheio de livros, sem mais fôlego vivo que o do leitor dentro dele, e uma janela pequenina, aonde silenciosamente viessem depor as refeições. Aí, sim, seria a plenitude da legenda: *In angello cum libello*.

Com muito espírito conta a exma. viúva Rui Barbosa que, entre risos expressivos da significação do seu reparo, falava assim ao esposo:

— "Ah! Rui, se não fosse eu, tu não serias nada! Ficarias a vida inteira em casa, entre os teus livros, continuamente a ler e estudar".

LEITURA ATENTA

Essa paixão absorvente, que dominou por igual espíritos como os de Franklin, Gibbon, Lessing, Napoleão e Stendhal, não era em Rui Barbosa puro automatismo. Lia com a atenção mais acurada, do que há provas eloqüentes entre os seus livros. O exemplar do *Don Quijote*, que ele leu, está cheio de correções ao texto espanhol, sempre que este falha. Assim, por exemplo, entre vários outros, todos estes lugares do famoso livro de Cervantes — "en disoluble nudo ligados", "habia visto tan hermosa criatura" e "adelándose com sus criados", foram devidamente corrigidos por mão de Rui Barbosa: "indisoluble", "no habia visto" e "adelantandose".

Lendo o *Primeiro Roteiro da Costa da Índia, desde Goa até Dio*, por D. João de Castro, encontrou lá isto: "A sombra no *nhomam* estava 42 graus". Logo perguntou: "*Quid?* É certamente o *gnomon*, do qual diz Bluteau (*Vocabul., hoc verb.*): "É o estilo que se põe nos relógios do sol, para assinalar com a sombra as horas".

O *Roteiro* fala amiúde na "sombra do estilo", quando se trata de averiguar a altura do sol (*Hic.*, pág. 82, 83, 84, 85, 93, 96, 97, 100, 101, 103, 105). A mudança do *gn* em *nh* é freqüente neste livro: *manhete* por *magnete* (pág. 61, 99, 102); *enespunhavel*, por *inexpugnável* (pág. 80, 168, 216); *repunhancia*, em vez de *repugnância* (pág. 192).

No *Vocabulário* que Mendes dos Remédios pôs à edição do *Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira*, o editor incluiu o adjetivo caudeloso, fazendo-o seguir de outro — *cauteloso*, com um final ponto de interrogação. Rui Barbosa anotou, discordando com o auxílio de Morais: "Não. *Caudeloso* é *caudaloso*, vocábulo que se empregava na acepção de *rico*. V. Morais, v.º *caudaloso*. O alfageme de Santarém era rico, segundo se vê da crônica". Este é igualmente o parecer de João Ribeiro no *Glossário* à sua edição da *Arte de Furtar*. J.J. Nunes, porém, dá à palavra em apreço, e no mesmo passo daquela crônica, o sentido de *cauteloso* (*cautelosu*).

Não escapava aos olhares de Rui Barbosa nenhuma gralha ou pastel. Se o sentido se obscurecia, se a construção falhava, logo o reparava, advertindo na impureza ou incorreção do texto. Deparando-se-lhe, num dos sermões de Vieira, o seguinte trecho — "*Deste*, que é o que hoje vimos reconhecer diante de seus altares em perpétua ação de graças, é o de que tratarei somente", anotou: "Parece que deve ser *Este*, para reger, adiante, com o *é o de que*". Noutro dos sermões do mesmo pregador, não lhe passou sem reparo este lanço: "Ama o teu inimigo; porque se ele o *faz* com razão, deves emendar-te", corrigindo-o a propósito do verbo *faz*, de fato sem cabida ali: "Devia dizer: "se ele o *é*", e não "se ele o *faz*". Ainda noutro sermão de Vieira, esta passagem — "para que nenhum português cuide que basta para satisfazer à obrigação, e devoção que digo, *só com* estar fora e longe de Portugal", mereceu-lhe este reparo: "Sem regência possível. Evidente lapso de Vieira, se não erro de cópia ou impressão". Em mais um dos sermões do famoso jesuíta, onde está — "Deus era o levado *das* águas: *Ferebatur super aquas*", pôs esta emenda: "*Ferebatur super aquas*" não me parece que se possa verter "levado *das* águas", mas "levado *sobre* as águas". Aliás, reparamos nós, no começo do mesmo parágrafo, onde se lê a tradução criticada, há

estoutra, e que é a preferida de Rui: "o espírito de Deus era levado *sobre* as águas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*". "Por menos santo e profano que seja", escreveu Vieira noutro de seus sermões. E Rui a advertir: "*Profano* aqui parece estar no sentido latino de *consagrado* (contrário ao nosso); porque, senão, deveria dizer — Por mais santo e *mais* profano que seja". As anotações de Rui, que aí ficam, foram todas feitas em exemplares da edição moderna de Seabra e Antunes; mas não se verifica a menor discordância de texto entre essa e a editoração original, que consultamos. Não há escritor nenhum, porém, por mais capaz e atento que seja, que se exima a esses enganos. O próprio Rui, nas *Cartas de Inglaterra*, em cuja revisão, disse, empregou "alguma diligência", escreveu e reviu sem emenda: "E *estas palavras*, proferidas por um homem respeitável, que experimentara no desterro e nas prisões a doçura da liberdade sul-americana, *caiu-lhe* da boca sem azedume". Ele mesmo ainda tachou de "erro chambão e alvar" aquele *mais de um que tenham*, que lhe saiu da pena na correção ao art. 1772 do projeto de Código Civil, e que o prof. Carneiro Ribeiro demonstrou não ser sempre uma erronia. Rui alegou a respeito erro de revisão, mas não o foi, o que se prova com o seu original do *Parecer sobre a redação do projeto de Código Civil*. Amostra igualmente da atenção com que Rui Barbosa lia, é a sua nota a uma das páginas da *História do Futuro*, de Antônio Vieira, na qual o escritor português, referindo-se a S. Pedro como "o último dos apóstolos", cita descuidadamente como dele um passo da carta *Ad Ephesios*, o que teve de Rui este reparo: "Aqui há inadvertência grande. Não é de S. Pedro, mas de S. Paulo, que são as epístolas *Ad Ephesios* e, portanto, o lanço delas aqui citado e transcrito". Dessas faltas, porém, ninguém está isento. Igual cometeu o próprio Rui na *Réplica*, quando escreveu: "Minha divisa na vida pública tem sido aquilo do evangelista: *Per infamiam et bonam famam*". E manda ver S. Paulo *Aos Corintios*, numa indicação infiel do texto. Demais, S. Paulo não é evangelista.

Lendo a *Origo Gentis Romanae*, de Sexto Aurélio Victor na edição de Panckoucke, quando chegou àquele passo, onde o historiador diz — "*primum* dixisse Saturnum, non ante quem nemo, sed *principem*", e que foi assim vertido por Dubois — "*Saturne, le premier, non qu'il fût venu avant tous les autres, mais un des premiers*", Rui Barbosa anotou no verso da folha de guarda final: "A versão de *primus* por "um dos primeiros" não me parece exata. *Primus* aí significa o *primeiro* na ordem da distinção (em vez do primeiro na do tempo), o mais distinto, o mais notável (*primus juvenum, prima urbs, primus*

Massiliensium), como Saturno o era em relação a Jano. Mas sobre a importância de Jano, como não inferior a Saturno, ver (p. 420), *Fastos*, I, v. 103. Ver, ainda, p. 22 e 421, nº 9".

ANOTAÇÕES MARGINAIS

E assim, insensivelmente, já entramos no capítulo das famosas anotações de Rui Barbosa aos seus livros.

Ora, essas anotações não têm a extensão e importância que vulgarmente por aí além se lhes emprestam. A tomarmos tais notas como ponto de orientação, chegaríamos a concluir que muito pouco da sua biblioteca teria sido lido pelo extraordinário devorador de livros, *bücherverschlingend*, como dizem os alemães, e que exatamente era Rui Barbosa. Ele foi sempre, por exemplo, desde jovem, um freqüentador assíduo dos clássicos portugueses. Entretanto, conforme o declarou ao sr. João Mangabeira e já o dissemos antes, só começou a anotá-los depois do debate sobre a forma do projeto de Código Civil.

Ainda aqui, era à memória formidável que Rui Barbosa sobretudo confiava o depósito das suas vastas leituras, sem carecer absolutamente de quaisquer recursos auxiliares do trabalho mental.

A sua maneira mais comum e vulgar de anotar, quando o fazia, era tracejar a tinta vermelha, a lápis encarnado ou azul, os passos que se lhe afiguravam dignos de reparo. Traços, simples traços, e mais nada. Quem lhes pode penetrar no sentido? Já Machado de Assis advertia a propósito de Zacarias de Góis e Vasconcelos: "É arriscado ver sentimentos pessoais nas simples notas ou lembranças postas em livro de estudo".

E quando Rui Barbosa, além de traços, punha quaisquer palavras à margem dos seus livros, não eram comentários ao texto, mas verdadeiras ementas em lugares de relevo, a fim de que ressaltassem as passagens lidas, lhes dessem destaque, lhes avivassem a lembrança, lhes facilitassem a consulta. E na redação de tais ementas era em regra utilizada a forma do próprio texto, que Rui Barbosa nelas condensava, escrevendo-as então as mais das vezes na própria língua do livro: em latim, em inglês, em francês, em italiano, em espanhol.

Não quer isso dizer que Rui Barbosa não haja posto glosas, opiniões, advertências, em muitos livros que lhe passaram pelos olhos. De tais comentários há amostras principalmente em exemplares de livros de autores nacionais, de que Rui Barbosa

discordava. E expressava a sua divergência em tom magistral ou zombeteiro, em obras de Assis Brasil, Felisbello Freire, Aristides Milton, Sílvio Romero e Araripe Júnior.

O parlamentar baiano sr. J.J. Seabra, quando arma os trapézios da sua lógica irresistível, costuma concluir, dizendo vitoriosamente: *loóogo*... É proverbial a alusão a esse *loóogo*, arrastado e longo como um silogismo que se preza, nos círculos que conhecem a trovejante e tonitruante eloqüência seabrina: "Carregai no *logo*, fazei-lhe do *o* um estirão de *ós*, e concluí": *loóogo*... Ora, lendo uma obra do Barão de Batz, — *La Vie et les Conspirations de Jean, Baron de Batz*, foram os olhos de Rui Barbosa feridos deste trecho: "C'est le triomphe de la *foorme*, comme aurait dit Bridoisson, dans toute sa splendeur". E imediatamente escreveu Rui Barbosa à margem: "Seabra: *loóogo*"...

Ainda na já citada *Crônica do Condestabre*, que alguns, contra as sugestões de d. Carolina Michaëlis e o voto do sr. Hernani Cidade, têm como da autoria de Fernão Lopes, aludindo o escritor anônimo a Santiago de Galiza, informou: "terra que he de muytas bestas". E Rui Barbosa a anotar: "Essa terra bem se parece com outras, que eu não digo"...

Mas prossigamos através das *marginalia* de Rui Barbosa. No seu livro — *Les Origines de la France Contemporaine*, num dos tomos consagrados à revolução, escreveu Taine: "Aussi bien, quels que soient les grands noms, liberté, égalité, fraternité, dont la Révolution se décore, elle est par essence *une translation de la propriété*: en cela consiste son support intime, sa force, son moteur premier, et son sens historique". E, sublinhando a parte que transcrevemos em grifo, corrigiu Rui Barbosa o grande historiador, com estas palavras, quase todas de Planiol, postas na folha de guarda final: "Erreur grave. L'expropriation du seigneur au profit du vassal ou tenancier était déjà chose faite avant 1789. Planiol: *Dr. civ.*, I, ns. 2328, 2326". E quem for ao magistral tratado do célebre professor da Faculdade de Direito de Paris, encontrará, sob o número 2328, intitulado — *Erreur des historiens modernes sur l'œuvre de la Révolution*, a primeira anotação e o comentário originário do engano da frase de Taine, que até então passara em julgado na opinião francesa: "La grande évolution historique, qui a lentement exproprié le seigneur au profit du vassal ou tenancier, était déjà achevée avant 1789". Como bom leitor, para logo se apressou Rui em transportar para a página do exemplar do seu Taine a lição do insigne civilista francês.

No seu *Direito das Coisas*, ao descrever a origem histórica da enfiteuse, disse Lafayette Pereira: "O corpo de doutrina que regulava a matéria da enfiteuse, formado das cláusulas comumente usadas nos contratos de empraçamentos e das disposições dos forais, nunca foi objeto de legislação geral e sistemática. Na compilação Afonsina e na Manuelina apenas se consagraram ao assunto alguns princípios, uns tirados dos costumes, outros do Direito Romano".

E em nota no pé da página aditou: "Ord. Manuelina, L. 4, T. 62, 63, 64, 65 e 77, §§ 35 e 36. As *Manuelinas* acrescentavam os casos em que os prazos deviam vir à colação (Tit. 77 §§ 35 e 36): introduziram também outra novidade, e foi a de sujeitar o contrato enfiteutico à rescisão por lesão. Vej. Lobão, Apêndice, §§ 89 a 91".

Rui fez uma chamada em *Manuelinas*, vocábulo que reproduzimos em itálico no texto, e corrigiu o civilista patricio: "Desde as Afonsinas. V.C. da Rocha, II, p. 705". Isto é, não houve novidade nenhuma: os casos em que os prazos deviam vir à colação já estavam há setenta e cinco anos antes determinados pelas Ordenações Afonsinas. Depois de, na mesma obra citada, caracterizar Lafayette a enfiteuse como "o direito real de tirar da coisa alheia todas as utilidades e vantagens, *sem destruir-lhe a substância*", palavras estas últimas que Rui Barbosa grifou, advertiu na página imediata o jurista mineiro: "Na verdade, do domínio se podem desmembrar os direitos elementares seguintes: 2. O direito de gozar dela (da coisa) da maneira a (*sic*) mais ampla". E em nota observou: "Tal é o direito de usar, de usufruir, de retirar produtos que não são frutos, *abrir minas*, cortar madeira". Rui assinalou as duas palavras grifadas, e perguntou à margem: "Mas como conciliar esta faculdade (isto é, a de "abrir minas"), com a de não destruir a substância da coisa?" Aliás essa incongruente opinião de Lafaiete, Rui a comentou largamente no seu parecer de 1904 *sobre As Areias Monazíticas e sua Exploração em Terrenos de Marinha aforados pela União*.

Agora é João Monteiro, em cujo *Programa do Curso de Processo Civil* se lê o seguinte: "Da regra firmada no § 32 — que deve ser citado todo aquele que tem interesse direto na decisão da causa — é corolário, que — *pode apelar todo aquele a quem a sentença diretamente interessar*. Tal era a regra expressa do direito romano; tal é também o preceito da nossa lei".

E Rui reparou à parte: "Este "diretamente" é do autor. Não está nos textos romanos por ele citados, nem nos das leis pátrias". Também esse enxerto de João Monteiro recebeu de Rui

Barbosa o devido reparo nas *Razões da Apelação de Terceiro Prejudicado — Crítica ao art. 689 da "Consolidação" aprovada pelo decreto 3.048, de 1898*.

E já que estamos em contato com os juristas nacionais, cheguemos até Martinho Garcez, cuja capacidade Rui estimava em muito, sendo, por sua vez, aquele grande admirador deste último, a quem nestes termos dedicou a segunda edição das *Nulidades dos Atos Jurídicos*: "Ao conselheiro Rui Barbosa. O mestre genial do Direito e da Linguagem e maior honra da intelectualidade brasileira". Na primeira edição desse mesmo livro, e repetido sem qualquer retoque na segunda edição, se encontra este passo: "Não nos parece aceitável a resposta do grande escritor (Merlin), e estamos de perfeito acordo com a impugnação de Laurent; porque se o Código Penal Francês (como o nosso) permite que a maior disponha de sua honra como entender, e não resta dúvida que *a prostituição não pode ser objeto de contrato*, porque nulas são as obrigações que têm *causa ilícita* e causa ilícita é a que é contrária aos bons costumes e à ordem pública e contrária aos bons costumes é toda a convenção imoral, como a que tiver por objeto a prostituição". Rui Barbosa riscou no texto as palavras — *a prostituição não pode ser objeto de contrato*, e ponderou: "Concordo; mas a razão dada infra é um exemplo típico de círculo vicioso".

ENCADERNAÇÃO

Mas não esqueçamos um dos mais importantes aspectos do livro: a encadernação. Numa livraria que se preze, todos os volumes devem ser encadernados. A Júlio Simon as brochuras se afiguravam como homens em camisa. Assim, a bem dizer, não passava dia em que não mandasse livros à encadernação. Porque também quase diariamente os comprava. As brochuras não lhe demoravam em casa. Solidônio Leite, ao contrário, poupava nas encadernações, para adquirir mais livros. E as encadernações da biblioteca do antigo publicista e político francês tinham várias cores: preto ou castanho escuro, para a história e a filosofia, cuja gravidade e austeridade não admitem vestes levianas; azul-rei, verde-água ou junquilha, para a leveza sutil da fantasia, — o romance, a poesia, a ficção enfim; violeta ou *grénat* para as viagens e memórias.

Embora deixasse Rui Barbosa muitos livros em brochura, a verdade é que os preferia encadernados. E há encadernações de todos os tons na sua livraria, o que não podia deixar de ser, pois, como toda a gente, também se provia, no comércio, de obras que

encontrava à venda já encadernadas. Tinha, porém, uma cor indiferentemente preferida para todos os livros: a *veau-fauve*, ou cor de vitela amarela, um amarelo suave, atrigado, do trigo ainda na sua casca. Depõe a este respeito, numa entrevista, o sr. Luís Lader: "Rui Barbosa dava sempre as encomendas por escrito, não esquecendo nem o nome dos editores, nem o milésimo, e apontando o gênero de encadernação. Gostava muito da encadernação com lombada de vitela amarela, com os títulos sobressaindo num pequeno pedaço de couro encarnado".

Em regra, porém, salvas exceções honrosas, confiar os nossos livros às oficinas nacionais, é levá-los quase ao sacrifício. Antes de tudo, precisamos escolher o encadernador, isto é, procurar agulha em palheiro. É que, comumente, não há aqui gosto ou sequer compreensão do ofício. E não lancemos a culpa à conta exclusiva do artífice. Desde quando quem manda encadernar um livro é inteiramente jejuo na arte e não a procura conhecer, esse fatalmente não distinguirá jamais entre a inferior e a boa mão-de-obra, não descobrirá nunca as falhas de uma encadernação defeituosa, e será para sempre indiferente a ter livros bem ou mal-encadernados. Destarte se continuará a encadernar descuidadamente, e a profissão ficará aí nesse estado de incúria e desleixo em que geralmente a vemos.

Se puserdes em confronto a mais vulgar encadernação parisiense, executada em comum *demichagrín*, com outra de procedência nacional, imediatamente ressaltará o achamboado do trabalho indígena, no duro e agreste couro de sapateiro remendão, no irregular das nervuras, também achatadas e sem relevo, na douração sem nitidez e segurança, no trancafio inferior e desgraçoso, no aligeirado da pintura (quando excepcionalmente a fazem) do dorso no entrenervo reservado às tombas então supressas, na cor sem lustre das cabeças, a qual se espraia pelas margens adentro, na má espécie do papelão e do papel, na ausência de ajuste harmonioso entre a carneira e o papel de capa, na falta ainda de combinação entre o papel de capa e o de guarda, enfim, em todo o conjunto, nesse toque final, nesse acabamento quase inexprimível, que é o toque da arte chegada aos últimos remates da perfeição.

A verdade é que, no Brasil, em ofício de tanta estesia, que príncipes, senhoras e diplomatas se comprazem de praticar, não há, em regra, técnica, não há gosto, ainda em se tratando das maiores oficinas. Em vão recomendareis que se não apare excessivamente a

cabeça do volume: ela será implacavelmente decepada como por um cutelo de magarefe. Em vão advertireis que se trata de um exemplar raro: recebê-lo-eis com páginas trocadas e com a falta de algumas páginas. Se ousardes reclamar contra tão graves negligências, não alcançareis um minuto de atenção. Já vimos, na mais importante das nossas casas encadernadoras, reclamar o freguês, ante a maior indiferença do seu empregado, contra a perda de um exemplar da primeira edição do *Gonzaga*, de Castro Alves.

Por tudo isso sem dúvida, adotou Rui Barbosa a feliz prática de mandar encadernar os seus livros em Paris, o que fazia por intermédio da livraria Briguiet. E não ficavam por isso mais caros. Porque a esse tempo a inferior encadernação nacional se fazia pagar mais alto do que a estrangeira, só agora tão custosa de preço. Como era então barata a encadernação européia!

Mas, ao remeter para a França os seus caixotes de livros, a fim de lá se encadernarem, Rui Barbosa o fazia com os maiores cuidados e com todas as cautelas. Procedia como bom amador experimentado. De uma dessas remessas ficou entre os seus papéis cópia do respectivo *papagaio*, conforme se diz na gíria dos encadernadores.

Ei-lo, aqui está:

"6. Sept. 1913

"Livres à relier.

"N.B. Tous les petits volumes doivent recevoir la reliure du *Mercure de France*.

"Les autres auront la même reliure, lorsqu'on trouvera les deux initiales M.F. après la mention de l'ouvrage dans cette liste.

"Tous les ouvrages aux quels on n'aura pas désigné une reliure spéciale, et qui ne seront pas compris dans la première de ces récommandations, doivent être reliés en *veau fauve*.

"Epargnez le plus possible les marges. Ne les coupez que dans la partie supérieure.

"Pour ce qui est des autres, faites comme dans la reliure d'amateur.

"Gardez toujours la couverture du volume, si elle ne se trouve pas abymée".

Esta nota, que nos revela a noção perfeita e exata que Rui Barbosa tinha da arte de encadernar, nos recorda o reverso da medalha: a incompreensão que, por exemplo, tinha Thiers desse tão importante aspecto do tratamento dos livros. Refere Júlio Le Petit haver-lhe contado um encadernador que, em certo dia, foi mandado chamar pelo famoso estadista francês, a fim de lhe encadernar alguns volumes de diferentes formatos. Levado pelo historiador da revolução até à sua biblioteca, mostrou-lhe aí o grande homem um raio de estante, do qual ordenou que se medisse a respectiva altura. E disse-lhe em seguida:

– "Quero que todos os livros sejam de tal forma cortados, que possam caber nesta prateleira.

– "Mas, senhor, somente os em formato doze aí poderão entrar; aos in-oitavo será isso impossível.

– "Impossível? Como? Eu os medi a todos e desde que sejam reduzidos ao tamanho doze, não haverá dificuldades. Basta que o texto fique legível: as margens nada significam".

Em França um encadernador consciente da sua arte sabe e pode assim advertir a um homem que é nada menos que Thiers. Entre nós, porém, conheci a um Deputado Federal, proprietário que foi de enorme e excelente biblioteca, o qual, conforme ele próprio me confessou, tinha por gosto fazer com que fossem seus livros reduzidos a uma só altura para o idêntico efeito de entrarem todos no mesmo raio do armário. E jamais encontrou encadernador, que tivesse a lembrança do reparo, que a Thiers fez o artista parisiense.

Depois da guerra, a encadernação encareceu sobremaneira na Europa, e se faz com grandes demoras. Tornou-se raro hoje exporem as livrarias à venda volumes recebidos já encadernados, o que era dantes vulgar.

Assim, não mais Rui Barbosa enviou livros à Europa, a fim de serem lá encadernados. Então, à semelhança de Ricardo de Bury, teve uma encadernação em casa. São os volumes mais mal-encadernados da sua biblioteca.

CONSERVAÇÃO DOS LIVROS

A encadernação já é até certo ponto uma forma de se conservarem os livros. Mas a sua defesa impõe outros cuidados, deveres penosos e difíceis. Cumpre salvaguardá-los de terríveis inimigos, sobretudo desses implacáveis anóbidos, que no-los destroem sem descanso. Entre nós, há muito ainda quem suponha serem as traças, mais propriamente lepismas, os devoradores das nossas livrarias. O próprio Rui Barbosa, em agosto de 1904, escrevia do exílio de Londres ao seu amigo Antônio de Araújo Ferreira Jacobina, a propósito do abandono em que aqui ficou a sua "cara biblioteca", como lha chamava nas *Cartas de Inglaterra*: "Recomendo-lhe com encarecimento particular os meus livros, entre os quais lhe peço mandar pôr naftalina *em grande quantidade*. De outro modo não vale contra as traças". Quanto à ação da naftalina, cujas exalações têm uma influência nefasta sobre o baço, ela se limita ao que consigna Houlbert no seu tratado hoje clássico sobre a matéria: "A naftalina não asfixia os insetos. Mas cremos que os pode afugentar pelo seu

cheiro, quando não habituados a ele, e que pode sobretudo impedir as fêmeas de deporem a sua postura nos volumes que se tenham conservado até então imunes".

Rui Barbosa só se utilizava da naftalina escamada, a qual é de qualidade e efeito superiores à outra, que se vende em forma de pequenas esferas. Esta última, além de ineficaz, quando de todo se evapora, deixa manchados os livros sobre que foi colocada.

Quando Rui Barbosa adquiria um livro velho que não apresentava nenhum sinal visível de contaminação, depunha-o durante oito ou quinze dias sobre uma mesa. É que, sobretudo no verão, os ovos da espécie brasileira, o *dorcatoma bibliophagum*, de Pedro Severiano de Magalhães, em cinco ou seis dias terminam a fase germinativa, e as pequenas larvas começam a penetrar nos livros, através de orifícios imperceptíveis, pois que os furos visíveis e maiores são, em geral, os de saída dos anobídeos. Verificando, porém, que, ao correr daquele tempo, nada acusava o volume, era então escovado e limpo com um pano, e posto na estante. Mas, se o livro comprado num alfarrabista revelava provas de contágio, era neste caso fechado, pelo espaço de quinze dias, dentro de uma caixa de Flandres com naftalina, para, em seguida, ficar em observação os mesmos oito ou quinze dias sobre a mesa. Mas se esse volume não dava mostras da ação arruinadora dos coleópteros, passava pelo mesmo método de asseio através do pano e da escova, e levado afinal ao armário. Sucedendo, porém, ser descoberto na biblioteca um exemplar atacado pelo caruncho, era imediatamente mergulhado em querosene branco, de qualidade superior, de mistura com porções de creosoto mineral, essência de cravo e essência de alfazema. Após, ia o livro para o estágio da lata, onde permanecia entre naftalina oito ou quinze dias. E secava sobre uma mesa ou prateleira de estante aberta, ou ao sol. Quanto aos livros próximos do infetado, embora sem quaisquer vestígios, sofriam todos o mesmo período fatal da lata.

Além de tudo isso, a biblioteca inteira estava sempre a ser ininterruptamente revista livro por livro, e, houvesse ou não sinais de carcoma, passava-se em cada um, sobre o dorso e a folha de guarda presa à capa, um pincel embebido numa solução desta fórmula, excessiva e dispendiosa, e que reúne substâncias geralmente indicadas a esse fim: creosoto mineral, 50 gramas; timol cristalizado, 20 gramas; essência de cravo inglesa, 10 gramas; essência de alfazema inglesa, 10 gramas; sublimado corrosivo, 5 gramas; álcool absoluto, um litro.

Como outra providência a mais, usava pôr nas estantes porções de naftalina, que depositava dentro de caixas de fósforos, espalhadas pelos raios dos armários. Estes eram todos, sem exceção de um só, guarnecidos de portas. Lastimava Constâncio Alves, autoridade em biblioteconomia, que, ao se inaugurar a Biblioteca Nacional no edifício atual, se houvesse adotado o sistema de estantes abertas, expostos assim os livros à poeira e à invasão dos vorazes insetos, que assustadoramente os estão devastando. Na livraria de Rui Barbosa não havia sombra de pó, ruinoso aos livros, como o proclama com a sua experiência Léo Crozet, quando nos instrui que a poeira retém umidade sobre a cabeça dos volumes desabrigados.

Se os armários forem fechados, claro é que não haverá que receiar o pó, mais difícil se tornará o acesso dos inimigos dos livros, a contaminação poderá mais facilmente restringir-se às estantes atacadas e mais sem custo será o seu expurgo. Nos armários sem portas, porém, a poeira os invade ininterruptamente, o ataque dos coleópteros ou dos ortópteros vindos de fora e o contágio dos já aclimados ao ambiente se processam livre e constantemente.

Se as cabeças dos livros forem aparadas, o pó que nelas se deposita, ajudado da ação do tempo e da luz direta, faz com que cada vez mais se escureçam e enegreçam, ainda mesmo quando periodicamente escovadas, e assim também fragmentos de poeira penetram através de algumas páginas, manchando-as irremediavelmente; e se as mesmas cabeças dos livros não forem raspadas, então mais custosa é a remoção do pó à custa da escova, a qual se não introduz nas arestas das páginas cortadas a espátula, e destarte se agravam todos os inconvenientes da poeira.

Mas não são somente esses os aspectos nocivos do pó. Mais nefasto ainda é a todos aqueles que lidam com os livros impregnados dele. X. Pelletier, principal bibliotecário da Biblioteca Nacional de Paris, no seu estudo sobre *L'Hygiene dans les Bibliothèques*, não deixou dúvidas a esse respeito, se é que ainda havia alguma. "La poussière", exclamou ele, "voilà le premier ennemi". "Muito fina", entra a demonstrá-lo o técnico francês, "ela se incrusta na pele, lhe obstrui os poros, dificulta a respiração cutânea. Adere às mucosas pituitária, laríngea, brônquica, pulmonar, irrita-as, mantendo-as num estado de inflamação subaguda, de congestão crônica. Cria então aí um ponto de menor resistência, esfolando-o levemente e determinando assim escoriações, que são outras tantas abertas aos bacilos. Se o

terreno está predisposto à tuberculose, se já existem lesões bacilares mínimas, ela as agrava e, por acréscimo, encontra a poeira um terrível colaborador: as violentas variações de temperatura, que ocasionam todos os modos de infecção do aparelho respiratório, essas bronquites contínuas, que tão facilmente preparam a cama à tuberculose".

A poeira já deu até lugar a um capítulo novo da patologia pulmonar: a asma dos bibliotecários, que, em suma, não passa de um estado preparatório da tísica.

Não há até hoje aparelhos bastantes e perfeitos, que aspirem o pó que se ajunta na cabeça dos livros. Aliás ele se acumula também nos raios das estantes, por detrás dos volumes. E nada mais desaconselhável que se submeterem os livros à escova, ou atritá-los uns contra os outros. Não se dispõe em geral de espaço próprio a tais operações, de sorte que apenas se procede à remoção do pó, à sua dispersão no ambiente, com todas as desastrosas conseqüências já apontadas da poeira, a se apoderar do indivíduo ou a se depositar noutros volumes. E a ação de se baterem uns tomos nos outros acrescenta a tais inconvenientes ainda mais o de, só com isso, se arruinaem muita vez os livros, facilitando-se aos que são brochados a rutura através do dorso e não raro dando lugar a que se precipitem no chão, onde recebem toda a sorte de danos.

Nos armários sem vidraças os volumes em brochura e em percalina são os que mais sofrem. As capas daqueles rompem-se facilmente, perdem a cor e ficam às vezes com a parte superior escurecida e linearmente marcada, muito distinta da inferior, quando acerta de se lhes destinar por vizinho um livro de tamanho menor. Quanto aos últimos, são vítimas fatais dos ortópteros, as repulsivas e implacáveis baratas, as quais têm nas estantes abertas o seu viveiro ideal: aí maravilhosamente se põem a bom recato, depositam os seus ovos nas goteiras dos volumes, cobrem-nos de imundas fezes, e de tal sorte destroem o pano pintado da cobertura, que o papelão para logo se descobre e fica visível, através da tênue rede a que se reduz o tecido vorazmente devorado. E tudo isso se processa no breve espaço de uma só noite: numa bela manhã despertareis com os vossos livros horrivelmente danificados e sevandijados.

Não merece sequer o custo de uma negativa pura e simples, a defesa dos armários sem portas, estribada na perda do tempo, que se verifica em se abrirem aqueles que as possuem. Se isso acaso chegasse a ser uma justificativa, o abandono do sistema que nela

irrisoriamente se fundamenta, seria de sobra recompensado pelos imensos benefícios colhidos com a adoção daquele que se lhe opõe.

Nem se diga que as portas impedem o arejamento, de que carecem os livros. Porque, mesmo com elas, ele se pode verificar. E será preciso dizer como? Abrindo-as de vez em quando por certo tempo.

Não há porventura ainda hoje no Brasil, excepta a do dr. João Marinho, tão numerosa biblioteca que se mantenha há tantos anos em excelente estado como a de Rui Barbosa. E é uma livraria, por vários motivos, de difícil preservação. Mas pode servir, a esse respeito, de modelo. Jamais, porém, Rui possuiu outros armários que não fossem providos de portas: têm-nas até as suas estantes giratórias. Era um defensor convicto e experiente dessa prática vitoriosamente insofismável.

Falei-vos na biblioteca do dr. João Marinho. Este achou que as portas ainda não bastavam, e pôs um dispositivo móvel, colocado sobre elas, e em toda a sua extensão, na parte em que fecham, de maneira que é assim mais difícil o acesso aos insetos. E para evitar qualquer interstício, as missagras são do comprimento inteiro das portas. Nem por isso evitou de todo os terríveis anobídios.

Ainda um costume benfazejo de Rui Barbosa: eram os livros continuamente mudados de lugar. Enfim, e esta era uma providência inteiramente inútil, colocava os volumes da primeira fila nos respectivos raios das estantes, de tal modo que o pé não assentasse em todo o comprimento sobre a madeira, ficando uma parte fora da linha da prateleira, a fim de que o ar circulasse no dorso, deste modo desimpedido da cabeça ao pé. Ora, tem acontecido que, em exemplares assim arrumados, às vezes os insetos que atacam os volumes postos nas prateleiras superiores caem nos das inferiores, e os contaminam. E tomos há que têm o dorso colado ao couro, e nesses a possibilidade de circulação aérea é de fato nenhuma.

E com tudo isso conseguiu Rui Barbosa ter a sua biblioteca admiravelmente conservada, como, voltamos a dizê-lo, talvez nenhuma entre nós, com exceção, repetimos, da do dr. João Marinho. Entretanto, os únicos livros de biblioteconomia que há na livraria de Rui Barbosa são o velho Gabriel Peignot, com os dois volumes do *Manuel du Bibliophile*, impresso em Dijon em 1823, o *Manuel du Repertoire Bibliographique Universel* [011.1 (021)] do Instituto Internacional de Bibliografia, publicação número 63,

de 1907, sobre organização, estado dos trabalhos, regras e classificação do sistema decimal, o *Manuel Bibliographique de la Littérature Française Moderne*, de Lanson, o opúsculo de Diogo de Faria, *Os Inimigos dos Nossos Livros*, e os dicionários de Inocêncio e Brito Aranha e de Sacramento Blake, ambos incompletos, mas inteirados depois da sua morte. É estranhável que, havendo adquirido o Peignot, não comprasse depois os tratados modernos e magistrais de Rouveyre e Cim.

EMPRÉSTIMOS DE LIVROS

Procurando constituir uma biblioteca, com a qual se bastasse a si mesmo, evidentemente Rui Barbosa queria trabalhar só com os seus livros, o que seria o ideal de todo homem estudioso. Assim, não freqüentava bibliotecas públicas, não tinha por costume pedir livros emprestados.

Também não gostava de emprestar os seus, muito embora fosse cristão, e o Concílio de Paris, em 1212, nos bons tempos do rei S. Luís, que amava os livros, recomendasse como um gênero de caridade o empréstimo deles. Se um visitante, ou até um amigo, dentro da sua biblioteca, fitasse mais demoradamente a vista num tomo trancado na estante, logo à sua ausência mudava o volume de lugar, prevenindo-se contra a possibilidade sinistra de um empréstimo.

E tinha razão. Petrarca não se consolava de haver perdido o *De Gloria*, de Cícero, dádiva com que o brindara o jurisconsulto Raimond Soranzo, e que ele emprestara ao seu velho mestre Convennole, que, sempre sem recursos, o dera em penhor a um desconhecido. Mais que Petrarca, foi o patrimônio mental da humanidade atingido desse grave deslize, só em virtude de um empréstimo fatal. E assim em nenhuma parte, nem no comércio dos livros no século, nem nas coleções dos conventos, nem nas das idades modernas, se encontrou jamais o extraviado livro de Cícero. Villemain não restituía os livros que tinha em confiança, os quais só podiam ser reavidos ocultamente, com a cumplicidade do seu secretário. Loménie, depois de reter durante cinco anos um livro de dez *sous*, se negava despudoradamente a devolvê-lo ao dono. De Antônio Feliciano de Castilho conta-se que, cansado dos consideráveis desfalques que os seus freqüentadores lhe ocasionavam à opulenta livraria, fez pregar no interior da sua casa, à rua Nova de S. Francisco de Paula, em Lisboa, a seguinte inscrição, em letras garrafais: "Aqui já não se emprestam livros".

Latino Coelho e Bulhão Pato riam a bandeiras despregadas ante essa legenda, que era, nem mais nem menos, verdadeiro e cruel epigrama. "Aqui *já* não se emprestam livros" é como quem diz: "Passou o tempo em que eu acreditava nos amigos, tão solícitos no pedir, quão avessos no restituir; *já* não estou disposto a ser por eles logrado: livros meus, de ora avante, não se carregam mais daqui, em que pese a todos os empenhos e aperturas".

Em certa época, o deputado baiano Leovigildo Filgueiras, amigo de Rui Barbosa, e a quem ele apreçava justamente, desejou que lhe fosse confiada por breve tempo uma das melhores obras antigas de direito constitucional americano — *An Introduction to the Constitutional Law of the United States*, de Pomeroy. Dias sobre dias se passaram depois disso. Eis senão quando recebeu Leovigildo Filgueiras um presente de Rui Barbosa. Era um exemplar daquele livro, que ele mandara vir dos Estados Unidos, pondo-lhe numa das folhas esta dedicatória: "*Ao meu prezado amigo dr. Filgueiras. Rio, 28 Out. 1892. Rui Barbosa*". Isto era o mesmo que dizer: não me solicite mais livros emprestados. Pelo menos foi assim que entendeu Leovigildo Filgueiras. E entendeu bem.

Noutra ocasião foi um dos mais conhecidos advogados do foro desta cidade que, por intermédio de um amigo comum, o cel. Carlos de Aguiar, pediu por empréstimo a Rui Barbosa o sexto volume do *Cours de Droit Civil Français* de Aubry e Rau. Foi emprestado. Mas sem demora comprou Rui tomo igual na livraria Briguiet. E mandou colocá-lo no lugar do primeiro, dizendo: "Ponha-o lá, que o outro não volta mais". Mas voltou. E assim na biblioteca de Rui Barbosa se encontra aquele volume em duplicata do grande tratado de direito civil francês.

Defendendo deste modo os seus livros, querendo-lhes como a outros tantos seres vivos que nos dão toda a substância, toda a vitalidade, toda a força, e aos quais por nossa parte ficamos presos e subjugados pelo resto da vida, pôde Rui Barbosa, enquanto vivo, preservar intacta, através de anos e anos, essa outra considerável construção do seu espírito.

RUI BIBLIÓFILO

Depois de tudo o que havemos revelado com a mais proibida veracidade e exatidão, não há como negar a Rui Barbosa a condição de bibliófilo, e dos mais perfeitos e consumados. Quando, pelo seu jubileu cívico em agosto de 1919, Constâncio Alves o saudou em nome da Bahia, num discurso que é um primor de arte e de eloquência,

estabeleceu alguns traços de identidade, tão fáceis de se acharem, entre Cícero e Rui, e reconheceu neste o "gosto de bibliófilo", que o grande romano também fora, e dos mais apaixonados. Ninguém com mais autoridade para identificar e revelar um bibliófilo que Constâncio Alves, o qual igualmente sabia de que indisfarçáveis sinais se revestia a paixão do seu glorioso conterrâneo pelos livros.

Mas a verdade é que Rui não gostava que lhe chamassem bibliófilo. Por que? A palavra nada tem de depreciativa ou pejorativa. Rui não era o "amador sem discernimento, que, sem nenhuma escolha, amontoa livros sobre livros", e ao qual se dá o nome de bibliófago. Mas o "amador de livros, que preenche todas as condições de gosto, de arte e de ciência, para discernir o valor intelectual e o custo dos livros", e que é o bibliófilo. "A bibliofilia distingue-se da bibliomania, em que esta é a paixão ininteligente dos livros, enquanto aquela é a sua estima inteligente e esclarecida. A bibliofilia é uma necessidade normal e perfeitamente razoável do espírito; a bibliomania, pelo contrário, pode-se considerar como a sua aberração".

Rui era o bibliognosta: conhecia os livros e o seu valor, e a respeito deles não tinha o gosto maníaco e sem espírito, que caracteriza o bibliômano.

Ele era, pois, de fato, o bibliófilo, o amoroso dos livros, que os percorria incessantemente, como o operário lida diariamente com os instrumentos do seu ofício; que vivia de preferência na sua companhia, rodeado deles, nos salões e gabinetes do seu vasto solar; que, como poucos, os sabia ler; que os tratava com extremos de apaixonado; que zelosamente os defendia da destruição e da ruína; que os estimava elegantes, em esmeradas edições, em papel de luxo, impressos em belos tipos, e artisticamente encadernados, conforme as instruções que redigiu em francês para o seu encadernador parisiense, as quais assinalam um bibliófilo verdadeiramente digno deste nome.

Nem houve jamais ninguém que metesse à bulha a quantidade invulgar dos seus volumes. É que não estiveram nunca em repouso. A nação inteira habituara-se a ver neles a fonte inesgotável e incorruptível, aonde ia beber a lição veraz da cultura política universal, fartar a sua sede de justiça e de liberdade, revelada pelo intérprete fiel e sem falsia.

CENTRO DE BOAS LETRAS

É preciso, porém, que esses livros não se petrifiquem num museu, como objetos de simples curiosidade, entre camisas e sapatos velhos. Preservemos a Casa de Rui Barbosa para memória do seu glorioso patrono. Mas a seu lado, sem mistura com o que nos coube daquele que a criou, acrescentemos aquilo que os tempos novos nos forem revelando. Aproveitemos o excelente fundo de livros de erudição humanística que aqui se encontra melhor talvez que em outra parte qualquer da nossa terra, para, ao menos nisto, lhe darmos atualidade. Que a Casa de Rui Barbosa se constitua um centro de estudos em contínua ebulição, um reservatório e uma fonte de boas letras, de um saudável humanismo, em que a cultura literária seja a base da educação humana; de um humanismo através do qual passe também o espírito dos tempos novos; de um humanismo fecundado das humanidades modernas, que desenvolva as mais altas e generosas aspirações da nossa idade, dilate o horizonte dos nossos conhecimentos e cultive a arte de os transmitir com perfeição; de um humanismo largo e franco, sem limitações nem restrições, e que, dentro da sua esfera imensa, contenha e abarque o âmbito inteiro das atividades mentais do nosso século. Assim era pelo menos que o praticava aquele a quem Erasmo chamava "prodígio da França", Budeu, forte no grego e no latim, mas forte por igual nas ciências naturais, na filosofia, na história, na teologia, no direito e até na medicina. O verdadeiro humanismo, explorador sutil e profundo do saber em todas as suas manifestações, jamais deixou de socorrer-se dos dados imediatos da vida moral, dos resultados ricos e fecundos do mundo material, da ciência enfim sob todos os seus aspectos. Porque ela, a ciência, é um dos fundamentos essenciais do espírito humano.

Daqui, da Casa de Rui Barbosa, poderia sair, por exemplo, com recursos porventura irrealizáveis entre nós, o dicionário da língua portuguesa, o léxico com que ainda não conta o nosso idioma e pelo qual aspiramos todos.

OS LIVROS SEM RUI

Os livros de Rui Barbosa, ei-los aí estão. Não se dispersou a sua biblioteca. Os seus formidáveis instrumentos de trabalho aqui se guardam zelosa, mas silenciosamente. Entretanto, eles se acham ao alcance de todos, de quem quer que os saiba e possa ler. Mas não respondem, não responderam nunca mais ao movimento, que em torno deles se opera

em transmutações e subversões contínuas e violentas. Trinta e cinco mil volumes em catalepsia! Dessas páginas quietas e mudas não repontaram mais os exemplos de sabedoria, que elas nos costumavam comunicar, ao toque mágico do seu encantador. É que lhes falece o condão maravilhoso que as fazia rechinar e crepitar, encher de centelhas esparsas o ar eletrizado, povoar de chispas candentes o ambiente sonoro, arrebatando as multidões, conduzindo-as em clamor para os mais altos e supremos ideais, sob os prestígios de uma eloquência imortal, fonte de comoções e às vezes de esperança para um povo que sentia se lhe calcinar a fé. O sol que se apagou no cimo da montanha povoada de oráculos sagrados fez com que não mais vibrasse aos seus primeiros raios o gigante que cantava e gemia as aspirações e as angústias de um povo inteiro. A Casa, bem vedes, é a mesma. Os livros são os mesmos. Só lhes falta Rui Barbosa.